

MEC/INEP/EATEP

1

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA  
EQUIPE DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO ENSINO PRIMÁRIO  
NO ANO DE 1 9 6 8

MINISTRO DA EDUCAÇÃO:

DEPUTADO TARSO BUENA

DIRETOR DO INEP:

PROFESSOR CARLOS CORREA MASCARO

COORDENADORA GERAL DOS TRABALHOS:

PROFESSORA LYRA PAIXÃO

Rio de Janeiro, GB - 1968

# I N D I C E

## I- INTRODUÇÃO

Páginas

## II- CATEGORIAS DE AÇÃO

A- PESQUISAS .....	1
. Objetivos	
. Programa	
. Resultados	
B- TESTE DIAGNÓSTICO.....	2
. Métodos de trabalho	
. Atividades	
C- PLANO PILÓTO .....	3
. Objetivos	
. Âmbito de ação	
. Método de trabalho	
. Atividades desenvolvidas	
. Cronograma	
. Resultados	
D- PROJETOS PARALELOS DE PESQUISA .....	6
III- PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA TREINAMENTO...	6
IV- SEMANAS REGIONAIS DE ESTUDO .....	7
. Objetivos	
. Programa	
. Resultados	
V- REUNIÕES DE ESTUDO .....	8
. Objetivos	
. Programa	
. Resultados	
VI- OUTRAS ATIVIDADES .....	10
VII- PESSOAL E RECURSOS .....	10
VIII- CONCLUSÕES.....	11

## I- INTRODUÇÃO

As atividades da EATEP em 1968 seguiram as diretrizes traçadas no documento redigido pelo Sr. Diretor do INEP em 11 de janeiro de 1968, diretrizes essas inspiradas no convênio que deu origem à Equipe, firmado em 30/12/66 pelo MEC (através do INEP) e CONTAP e a USAID. Resumem-se no seguinte:

1- "Promover e realizar estudos, em profundidade, dos males crônicos e agudos que afligem a escola primária brasileira - evasão e repetência - e dos métodos de combater-lhes as causas.

2- Assistir os Estados no desenvolvimento e execução de planos específicos para a regularização do fluxo de alunos pelas séries escolares.

3- Elaborar planos de ação para o melhor entrosamento da educação primária com a média."

Mantida a assistência técnica suplementar da USAID no período de 31/1/68 a 31/5/68 e a prerrogativa dos recursos do CONTAP até 31/12/68, a EATEP concentrou esforços nas seguintes metas:

### 1- Assistência direta:

a) aos Estados do Rio Grande do Sul, Pernambuco e Espírito Santo na manutenção e ampliação de um sistema permanente de cartões de registro dos alunos e na análise dos dados por eles coletados, especialmente daqueles relacionados com os fenômenos da evasão e da repetência na escola primária;

b) aos Estados do Espírito Santo e Pernambuco no implemento de um plano-pilôto visando à redução dos índices de evasão e repetência.

2- Assistência indireta a outros Estados por meio da divulgação de informações sobre os projetos demonstrativos e da realização de Seminários Regionais.

## II- CATEGORIAS DE AÇÃO

### A- PESQUISAS

. Objetivos: a) Identificar as causas da evasão e da repetência na escola primária dos Estados do Rio Grande do Sul, Pernambuco e Espírito Santo, destacando-se os elementos aluno, professor, material, currículo e as dimensões tempo e espaço.

b) Instituir um sistema permanente de controle do rendimento do ensino.

• Métodos adotados:

- a) coleta de dados por meio de fichas a serem preenchidas pelas professoras regentes de classe, acompanhadas de folhetos de instrução;
- b) registro individual do aluno por meio de cartões;
- c) processamento eletrônico dos dados;
- d) análise e interpretação dos resultados.

• Programa:

1967 (2º semestre): Preenchimento das fichas pelas Escolas Estaduais, Municipais e Particulares de Vitória e Porto Alegre, de todas as 1<sup>as</sup> séries primárias.

1968 (1º e 2º semestres):

a) Extensão da pesquisa a todas as classes de 1ª série do Estado do Rio Grande do Sul; continuação do controle das classes de 2ª série já registradas no ano anterior em Vitória e Porto Alegre.

b) preenchimento das fichas em todas as classes de 1ª série das escolas municipais, estaduais e particulares de Recife.

• Resultados

Os dados obtidos em Vitória e Porto Alegre já foram processados e encontram-se em fase de análise. Para esse estudo o Sr. Ministro da Educação e o Sr. Diretor do INEP assinaram Convênio que trará ao Brasil, em 1969, por quatro meses, o técnico americano responsável pelo planejamento da pesquisa, Dr. Harry White, da State University of New York.

Em Recife, os dados encontram-se em fase de processamento.

B. TESTE DIAGNÓSTICO

Iniciado em junho, este instrumento de diagnóstico é um subsídio a mais com que podem contar os professores e supervisores na identificação das dificuldades apresentadas por crianças que ingressam na escola.

• Método de trabalho

Foi constituída uma Comissão de seis especialistas provenientes do Rio Grande do Sul, Pernambuco e Minas Gerais, responsável pela elaboração, aplicação e avaliação do instrumento. A Equipe contou com assessôres técnicos e pessoal auxiliar: desenhistas, secretária e programador de computação eletrônica.

• Atividades:

1º encontro - 24 a 29 de junho

- Estudo da situação atual da escola primária no que diz respeito a testes e outros instrumentos de avaliação do aproveitamento do aluno.

- Planejamento das várias etapas a seguir na elaboração do programa de testes, incluindo-se o levantamento do material existente, do pessoal qualificado, do orçamento, etc.

- Estudo do instrumento de correlação a ser utilizado.

2º encontro - 29 de julho a 3 de agosto

- Planejamento global do teste em seu aspecto formal; conteúdo, tipos de questões; amostragem. Nesse encontro a Comissão contou com a presença de dois assessôres técnicos e de um programador.

3º encontro - 26 a 31 de agosto

- Elaboração e composição do teste e das técnicas de aplicação, com a presença dos assessôres e de dois desenhistas.

4º encontro - 23 a 28 de setembro

- Estudo e crítica do material elaborado.

- Planejamento da amostra e da aplicação do teste.

5º encontro - 11 a 15 de novembro

- Preparação dos manuais de orientação para o professor.

• Resultados

O teste encontra-se em fase de impressão, devendo ser aplicado experimentalmente no início de fevereiro em escolas do Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Pernambuco, Minas, Alagoas, Goiás e Pará.

(C) PLANO PILÓTO

Objetivos:

Geral: Reduzir os índices de evasão e repetência na escola primária dos Estados do Espírito Santo e Pernambuco.

Específicos:

- a) Promover a adequação do currículo ao nível de capacidade de do aluno; *→ medida por quê? capacidade em relação a quê?*
- b) Promover o treinamento do professor em exercício, a fim de assegurar-lhe qualificação profissional mínima;
- c) Promover condições para o cumprimento da obrigatoriedade de escolar, a regularização da matrícula por idade-série e a promoção progressiva.
- d) Elaborar material para professores e alunos;
- e) Instituir sistema permanente de controle da frequência e do rendimento escolar.

. Âmbito de ação

- a) Recife - 9 escolas primárias - 20 classes de 1ª série - 580 alunos;
- b) Vitória - 3 escolas primárias - 20 classes de 1ª série - 577 alunos.

Observação: a seleção das escolas atendeu às seguintes características:

- estrangulamento do fluxo na 1ª série;
- local acessível à supervisão da Secretaria.

*Classes de controle? "Surveys"?*

. Métodos do trabalho

- a) Reuniões da EATEP com os grupos de técnicos das Secretarias de Recife e Vitória para o estabelecimento das diretrizes do Plano, das atividades a serem desenvolvidas, etc.
- b) Correspondência sistemática e frequente.
- c) Elaboração e seleção de material para professores, supervisores e alunos. *(Onde está esse material?)*

. Atividades desenvolvidas pelos grupos técnico de Recife e Vitória:

## a) Reuniões semanais

Coordenadora estadual/especialistas/supervisoras  
Especialistas/Supervisoras  
Supervisoras/Professôras

## b) Visitas às classes

mensais = coordenadora estadual e chefe de supervisão  
semanais = especialistas  
diárias = supervisoras

• Resultados

*Onde está esse relatório?*

Os relatórios detalhados do movimento das 20 classes em Recife e das 20 em Vitória estão sendo concluídos mas, desde já alguns pontos positivos podem ser apontados, como por exemplo: aumento da frequência dos alunos; maior desenvolvimento social das crianças; sistematização do serviço técnico da Secretaria e do serviço de supervisão; maior segurança das professoras regentes no manejo da classe; maior entrosamento do pessoal técnico da Secretaria com as supervisoras e as professoras regentes; melhor rendimento escolar comprovado pela observação das professoras; tarefas de classe e testes organizados pelas supervisoras, assegurando aos alunos diferentes tipos de aprendizagem: das mais simples habilidades à aquisição de conceitos mais complexos.

B- PROJETOS PARALELOS DE PESQUISA

- Tratamento estatístico, por amostragem, dos dados do SEEC obtidos pelos cadastros EP0-1 de 1965 e EP0-1 de 1967, com o propósito de se estabelecerem os índices de promoção de cinco mil escolas (municipais, estaduais e particulares) nos Estados do Rio Grande do Sul, Pernambuco e Espírito Santo.

Ambos os projetos encontram-se em fase de análise o que será feito pelo Dr. Harry White no primeiro semestre de 1969.

→ III- PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA TREINAMENTO (de professores, supervisores e administradores escolares).

*Onde está esse material?*

Os materiais elaborados até o presente, sob a forma de transparências para retroprojeter e diapositivos de 35mm, têm sido testados em Congressos e Seminários. Quanto a textos, já foram publicados em tiragens de 5000 exemplares: "Fenômenos da evasão e re-potência - Análise e Recomendações" e "Objetivos da Educação Primária".

Dessas publicações, cêrca de 3.900 exemplares foram enviados a tôdas as Secretarias de Educação dos Estados e dos Territórios.

Da mesma maneira, têm sido distribuídas coleções de transparências para retroprojeter e diapositivos de 35 mm, num total de 45 coleções, às Secretarias de 12 Estados, sôbre os temas seguintes:

- O currículo da Escola Primária no Plano da EATEC.
- Mudanças que se processam no Currículo e no Ensino.
- Métodos e processos no ensino da leitura.
- Responsabilidades da Escola Primária.

→ IV- SEMANAS REGIONAIS DE ESTUDO

. Objetivos: 1) Apresentar aos participantes o resultado dos estudos sôbre a situação do ensino primário no Brasil.

2) Estudar os diversos meios de: a) conscientizar o professor primário para que compreenda melhor o seu papel no contexto educacional do país; b) treinar o professor no exercício.

3) Analisar os diversos fatores que influenciam o fluxo dos alunos pelos anos escolares, tais como, a política da promoção, a avaliação do rendimento do aluno, o ensino da leitura, o agrupamento das crianças na sala de aula, o conceito de "prontidão", etc.

. Programa

Segunda Semana (a primeira foi realizada ainda em 1967)

Local - Guanabara

Época - 25 a 30 de março

Participantes: Técnicos de Educação das Secretarias de Pernambuco e Espírito Santo e professores especialistas do CRPE João Pinheiro, num total de 26 pessoas.

Terceira Semana

Local - Belo Horizonte

Época - 22 a 27 de abril

Participantes: Técnicos de Educação das Secretarias da Guanabara, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Brasília e representantes do CRPE João Pinheiro, num total de 34 pessoas.

Quarta Semana

Local - Recife

Época - 17 a 22 de junho

Participantes: Técnicos de Educação das Secretarias do Piauí, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, representantes da SUDENE, da USAID/NE e do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Recife, num total de 34 pessoas.

Quinta Semana

Local - Vitória

Época - 5 a 10 de agosto

Participantes: Técnicos de Educação das Secretarias do Espírito Santo, Goiás e Bahia, além de representantes do IPEA, PAMP, COLTED, USAID/NE, CRPE João Pinheiro, Coordenação do Ensino Primário de Brasília e CTM de Colatina, num total de 32 pessoas.



Sexta Semana

Local - Pôrto Alegre

Época - 16 a 21 de setembro

Participantes: Técnicos de Educação das Secretarias de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e representantes do PAM, COLTED, USAID/NE, CRPE João Pinheiro e CRPE do Rio Grande do Sul, num total de 34 pessoas.

Sétima Semana

Local - Manaus

Época - 4 a 9 de novembro

Participantes - Técnicos de Educação das Secretarias do Amazonas, Pará, Acre, Mato Grosso, Territórios de Roraima, Rondônia, Amapá e representantes do IPEA, da COLTED, do CRPE João Pinheiro, da USAID/NE e CTM do Amazonas, num total de 36 pessoas.

• Resultados

*Onde estão os relatórios?*

Os relatórios de cada Semana descrevem, em detalhes, as atividades das sessões diárias. De modo geral, pode-se dizer que, pela reação franca dos grupos participantes e pela observação dos trabalhos, conseguiu-se evidentemente:

- 1- Sensibilização para a problemática educacional brasileira.
- 2- Tomada de consciência da grave questão da repetência e da evasão na escola primária.
- 3- Intercâmbio de idéias e de experiências entre os representantes dos diversos Estados e Territórios.
- 4- Contribuição excelente de membros da comunidade local que, participando de mesas redondas, trouxeram ao plenário as mais variadas experiências e sugestões para o equacionamento do problema educacional primário.
- 5- Desejo indiscutível de todos os participantes de colaborar na melhoria do rendimento do ensino em seus Estados, expresso pelas solicitações de ajuda técnica recebidas pela EATEP.

→ V- REUNIÕES DE ESTUDO

• Objetivos:

*De que tratado?*

- a) Estudo dos planos de ensino primário dos Departamentos de Educação e verificação da conveniência ou não de se executarem Planos-Pilotos que visem a reduzir a evasão e repetência no curso primário; b) destaque de prioridade para as atividades que

venham a ser desenvolvidas no ano de 1969, em decorrência do planejamento conjunto EATEP-SEC; c) apreciação de conceitos básicos no campo da educação - o que é indispensável - para possibilitar a efetiva intercomunicação das equipes.

. Programa

Primeira Reunião

Local - Guanabara

Época - 26 a 31 de agosto

Participantes - 7 técnicos da Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul e representantes da Universidade Federal da Guanabara, do CRPE João Pinheiro e da Northern Illinois University.

Segunda Reunião

Local - Guanabara

Época - 8 a 12 de outubro

Participantes - 4 técnicos da Secretaria da Educação do Estado de Goiás.

. Resultados

a) Verificação da necessidade de se assumir atitude científica em face dos problemas educacionais e de se emprestar maior estímulo a estudos longitudinais que visem a identificar as causas da evasão e repetência, bem como dos meios mais adequados à erradicação desses fenômenos.

*Foi feita essa orientação?*

b) Orientação precisa aos responsáveis pela coleta de dados, de forma a garantir a validade dos mesmos e alertar o educador para os problemas decorrentes da evasão e da repetência.

*Foi feito esse levantamento?*

c) Levantamento das necessidades pedagógicas dos Estados do Rio Grande do Sul e de Goiás, para a elaboração de um plano-pilôto a ser desenvolvido, progressivamente, a partir de 1969. Dois aspectos foram inicialmente considerados: seleção das classes para o implemento do plano e preparação do material destinado ao uso de professores e alunos.

*O plano seria no mesmo molde dos de Pernambuco, Santa e Pernambuco?*

d) Sensibilização do professor para a nova orientação do trabalho, fundamentada no conhecimento da problemática educacional brasileira e local, e na revisão dos conceitos básicos de educação.

*Como foi feita?*

Terceira Reunião

Local - Guanabara

Época - 2 a 6 de dezembro

Participantes - Técnicos de Educação das Secretarias da Educação dos Estados de Pernambuco, Alagoas e do Distrito Federal,

num total de 12 pessoas.

Objetivos: a) avaliação das atividades desenvolvidas em 1968 nas vinte classes do Plano Pilôto de Recife e destaque dos problemas e pontos positivos; b) análise do programa da 1ª série; c) de finição de diretrizes para uma orientação sistemática das professoras de 1ª e 2ª séries; d) apresentação de sugestões para elaboração de material.

Resultados

Os objetivos estabelecidos foram todos alcançados. Para janeiro de 1969 estão programados cursos de treinamento para diretores de escolas, supervisoras e professoras de 1ª e 2ª séries que trabalharão com as classes do Plano Pilôto de Recife e de Maceió.

VI- OUTRAS ATIVIDADES

Participação da Equipe em Encontros Educacionais:

- . I Congresso de Saúde Escolar, GB - julho de 1968
- . I Reunião de Consulta sobre Educação Rural, Londrina, Paraná - setembro de 1968.
- . I Simpósio Interamericano de Administração Escolar, Brasília - outubro de 1968.
- . III Conferência de Educadores - Brasília, dezembro de 1968.

VII- PESSOAL E RECURSOS

a) Pessoal:

- técnico = 3 elementos efetivos e 3 colaboradores
- administrativo =
  - 1 secretário executivo
  - 1 secretária - datilógrafa
  - 1 datilógrafa
  - 1 auxiliar de escritório

b) Recursos:

- Provindos do INEP (1968):
  - NCr\$ 120.000,00 (cento e vinte mil cruzeiros novos)
  - Despesas até 31/12/68:
    - NCr\$ 103.354,49 (cento e três mil, trezentos e cinquenta e quatro cruzeiros novos e quarenta e nove centavos).

INEP - 103.354,49  
CONTAP - 267.574,53 (até outubro)  
370.929,02

11.

Despesas em 1968 (faltando despesas do CONTAP em nov. e dez. 1968)

Saldo:

NCr\$ 16.645,51 (dezesseis mil seiscentos e quarenta e cinco cruzeiros novos e cinquenta e um centavos).

- Provindos do CONTAP (1967/1968):

NCr\$ 443.000,00 (quatrocentos e quarenta e três mil cruzeiros novos).

Despesas até 31/10/68:

NCr\$ 267.574,53 (duzentos e sessenta e sete mil quinhentos e setenta e quatro cruzeiros novos e cinquenta e três centavos).

Saldo em 31/10/68:

NCr\$ 175.425,47 (cento e setenta e cinco mil quatrocentos e vinte e cinco cruzeiros novos e quarenta e sete centavos).

#### VIII- CONCLUSÕES

A programação da EATER conseguiu:

- 1- Sensibilizar os elementos representativos ou os comandos das Secretarias da Educação dos Estados e Territórios da Federação, para o problema da educação primária brasileira;
- 2- mostrar a esses educadores as causas mais diretas das deficiências diagnosticadas;
- 3- sugerir medidas oportunas e práticas para equacionamento do problema;
- 4- explicitar uma estratégia cuja singularidade consiste em atuar em menor campo de ação, atacando, porém, todos os elementos nêle envolvidos e responsáveis pela situação problemática;
- 5- estabelecer uma comunicação efetiva e direta entre o INEP e as Secretarias e entre as lideranças das secretarias;
- 6- mostrar a necessidade da revisão de uma política educacional e de se entrosarem todos aquelas responsáveis pelo implemento do currículo.

Pelo exposto, conclui-se que os resultados foram realmente positivos e a Equipe acredita não ser chegado ainda o momento de reformular seus objetivos. É necessário que se continue o programa de divulgação das idéias; que se dê prosseguimento aos Planos Pilotos; que se mantenha o sistema de distribuição feita de todo material elaborado; que se busque a participação de novos elementos das Secretarias de Educação e de representantes também do Ensino Médio.

A partir do próximo ano, já de posse dos resultados das Pesquisas e concluída a 1ª fase do Plano Piloto pretende a Equipe ampliar sua área de atividades, dando maior atenção:

- a) à formação do professor, por meio da reformulação dos currículos da Escola Normal;
- b) à política educacional;
- c) aos planejamentos integrados;
- d) aos custeios e convênios, etc.

Finalmente, destacam-se três aspectos que julgamos responsáveis, em grande parte, pelo volume e qualidade do trabalho realizado pela EATEP em 1968:

- 1- união da Equipe em torno de objetivos claramente definidos e crença na validade desses objetivos;
- 2- recursos financeiros suficientes à execução dos Projetos, com flexibilidade de aplicação, permitindo a contratação de técnicos por tarefa, viagens, compra de material, em fim, facilitando rapidez das ações, pela ausência de obstáculos de ordem burocrática.
- 3- serviços administrativos auxiliares muito bem entrosados com os serviços técnicos.

Em 31 de dezembro de 1968.

*Lyra Paixão*  
 LYRA PAIXÃO  
 Coordenadora Técnica  
 da EATEP

RELATÓRIO DA I SEMANA

DE ESTUDOS INEP/EATEP

TEMA: PRINCÍPIOS BÁSICOS DE ALFABETIZAÇÃO

PERÍODO: 27 DE NOVEMBRO A  
2 DE DEZEMBRO DE 1967

DIRETOR DO INEP:

DR. CARLOS CORREA MASCARO

Coordenadora geral dos trabalhos:

Profª Lyra Paixão

Relatoras:

Profª Maria Yvonne Atalécio de Araujo

Profª Lúcia Marques Pinheiro

## RELATÓRIO DA I SEMANA DE ESTUDOS DA EATEP

### I - OBJETIVOS:

GERAL: Discussão de fatores relacionados à produtividade do Sistema Escolar Primário Brasileiro, principalmente o do ensino de leitura na 1ª série.

ESPECÍFICOS: - Conhecimento recíproco do trabalho que vem sendo realizado na área do ensino da leitura, nos diferentes Centros do INEP.

- Estudo dos problemas referentes à alfabetização, no sentido de buscar as linhas que nortearão o trabalho do ensino da leitura na escola primária brasileira.

- Divulgação, nos Centros e talvez nos Estados, das conclusões finais da I Semana de Estudos EATEP.

### II - ORGANIZAÇÃO

LOCAL - sede da EATEP: Travessa Guimarães Natal, nº 12 - Copacabana - RJ.

PERÍODO - 27/11/67 a 2/12/67

PROMOTORES - INEP - EATEP

PARTICIPANTES ..

. Membros da EATEP: Lyra Paixão  
M<sup>te</sup> Yvonne Atalécio de Araújo  
Diva de Moura Diniz Costa  
Wilson Hudson Pinto  
Norma Cunha Osório  
Zenaide Cardoso Schultz  
Edith Berner

• Representantes  
do CBPE, GE

- Lúcia Marques Pinheiro  
Risoleta Ferreira Cardoso  
Nise Pires  
Wanda Rollim P. Lopes  
Maria Avany Rosa  
Heloísa Raposo Lage

• Representantes  
dos Centros Regio-  
nais e dos Centros  
de Treinamento do  
INEP

- Toda Dias da Silva - MG  
Thaís de Moura Tinopni - MG  
Adelcia de Oliveira - Goiás  
Leila Carneiro - Goiás  
Maria Faria Hübner - E. Santo  
Maria Iedda Lordello Lé - E. Santo  
Regina Lúcia Gianordoli - E. Santo  
Zélia Maria de Moura - Alagoas  
Yaracy Maria Figueiredo  
de Araujo - Bahia  
Maria de Lourdes B. de  
Oliveira - Paraíba  
Jacyrá da Silva Câmara - Pernambuco

Todos os participantes foram convidados pelo Sr. Diretor do INEP a comparecer à I Semana de Estudos da EATEP, em ofício enviado aos Srs. Diretores dos Centros Regionais de Minas, S. Paulo, Bahia, Pernambuco e Guanabara e às Coordenadoras dos CIM de Goiás, Paraíba e Alagoas. As despesas com passagens e estada dos participantes foram custeadas pelo INEP/EATEP, utilizando fundos do CONTAP num total de RCr\$ 4 954,78 (quatro mil novecentos e cinquenta e quatro cruzeiros novos e setenta e oito centavos).

Durante a Semana estiveram em exposição livros e outros materiais didáticos utilizados no ensino da leitura pelos Estados participantes.



COMISSÃO ORGANIZADORA

Constituiu-se de 2 membros EATEP - profas. Maria Yvonne Atalécio de Araújo e Diva de Moura Diniz Costa, que elaboraram um "Regimento" para a I Semana de Estudos, com o objetivo de orientar os trabalhos dos participantes, bem como a agenda das atividades.

III - Desenvolvimento:

Foram adotados, no processamento dos trabalhos, os seguintes métodos de reuniões de grupo : preleção; Fórum, simpósio e discussão (fonte: "Processo de Grupo para Educação de Adultos", de Paul Bergevin e Dwigth Morris, Centro de Publicações Técnicas da Aliança, USAID, Rio, setembro de 1963).

A Agenda foi fixada conforme o quadro abaixo:

I SEMANA DE ESTUDOS DA EATEP

AGENDA

HORÁRIO

Dias	9h às 12h	14h às 16h
27/11 segunda feira	Palestra - fórum Situação atual da Educação Primária no Brasil - influência da leitura nessa problemática	Simpósio Alfabetização no Brasil - processos e material
28/11 terça feira	Simpósio Alfabetização no Brasil - processos e material	Fórum
29/11 quarta feira	Palestra - fórum Conceituação da leitura	Fórum
30/11 quinta feira	Discussão em Grupos Leitura e repetência - alguns pontos para consideração	Fórum
1 <sup>a</sup> /12 sexta feira	Discussão em grupo Avaliação da Leitura na primeira série	Discussão em grupo
2/12 sábado	Fórum Conclusões da I Semana de Estudos Escolha do tema, época e local da II Semana de Estudos	Fórum

Os temas de debate e as conclusões a que chegaram os participantes da Semana de Estudos, durante cada dia da reunião foram os seguintes:

Dia 27/11

Tema: "Análise da situação da educação primária no Brasil".

Responsáveis: Lúcia Marques Pinheiro

Diva de Moura Diniz Costa

Método de apresentação: proleção - fórum

visual: retro-projetor (transparência)

À tarde houve o início da apresentação dos trabalhos de alfabetização que vêm sendo desenvolvidos nas escolas de demonstração dos Centros Regionais e dos Centros de Treinamento do INEP. A diretora da Escola Guatemala, do CBPE da Guanabara, prof<sup>a</sup>. Almira S. Brasil, discorreu sobre o nível de leitura adotado naquela escola, tendo apresentado o material usado pelas professoras e pelos alunos.

### Conclusões

1<sup>o</sup> dia - 27/11/67

I- Análise da situação da educação primária no Brasil

- 1- É baixa a produtividade do sistema educacional primário brasileiro.
- 2- Um dos fatores que mais concorrem para essa situação é o alto índice de repetência na 1<sup>a</sup> série, que favorece a evasão escolar, ou outro grande problema da escola primária brasileira.
- 3- Uma das causas da repetência na 1<sup>a</sup> série decorre dos altos padrões exigidos para a promoção ao 2<sup>o</sup> ano. O ensino da leitura é o trabalho didático por excelência a ser realizado pelo professor.

O professor de 1<sup>a</sup> ano deve possuir satisfatória formação profissional, ter sempre em vista os objetivos que pretende alcançar, adequar suas atividades às condições de seus alunos, ao material de que dispõe, incluindo-se aí a escolha do método de leitura que irá seguir.

4- É indiscutível a responsabilidade do INEP em toda essa problemática: soluções esparsas vêm sendo experimentadas com êxito nos Centros Regionais e nos Centros de Treinamento do Magistério...

5- Torna-se necessária, agora, uma integração de esforços no sentido de ataque consciente e maturo ao problema.

6- Um dos esforços para essa integração está sendo dado aqui, nesse Encontro de que participam especialistas de Linguagem de Centros Regionais e de Treinamento do INEP, responsáveis pela formação e treinamento de professores e supervisores.

7- Necessidade de controle e avaliação sistemática das inovações apresentadas no sistema educacional.

II - Aspectos salientados no decorrer das apresentações:

- . descontinuidade administrativa
- . deficiente formação do professor primário
- . programas excessivos
- . método de avaliação inadequado.

Dia 28/11

Tema: "Alfabetização no Brasil - processos e materiais utilizados"

Apresentações a cargo das representantes de Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Goiás e Paraíba. Falaram principalmente sobre o ensino da leitura e seus resultados nas Escolas de Demonstração dos Centros Regionais e dos Centros de Treinamento, bem como sobre o programa de didática da linguagem desenvolvido nos cursos do INEP.

Resumo (28/11/67)

I- Apresentação, pelas professoras de Linguagem, do trabalho em desenvolvimento nos estados de Alagoas, Espírito Santo, Goiás, Bahia e Paraíba.

**II- Aspectos realçados no decorrer das apresentações:**

- . ensino da leitura na 1ª série
- . métodos e processos adotados
- . padrões de promoção
- . graduação escolar
- . problema da escola isolada
- . necessidade do uso de uma nomenclatura comum

**III- Conclusões:** Há necessidade de:

- . reformulação dos critérios de graduação escolar
- . reformulação dos padrões exigidos para promoção
- . avaliação e troca de experiências sobre a utilização dos diversos métodos e processos de leitura, atendendo-se sua adequação à formação do professor e às condições das crianças
- . estudo dos vários critérios que regem o agrupamento dos alunos na sala de aula

Dia 29/11

. Os participantes da I Semana de Estudos receberam a visita do Exm<sup>a</sup>. Senhor Diretor do INEP, Dr. Carlos Correa Mascaro, que lhes falou sobre alguns aspectos da problemática educacional brasileira.

. Continuação da exposição e debates sobre "Alfabetização no Brasil - processos e materiais".

Falaram sobre o assunto as representantes do Espírito Santo e Minas Gerais.

. Já no final do dia a prof<sup>a</sup>. Maria Yvonne Atalécio de Araújo apresentou o tema "Conceituação da leitura", do qual era a relatora.

Conclusões (29/11/67)

. a maior eficiência do ensino da leitura é problema não só pedagógico mas, principalmente, econômico e social: se fôrem aumentados os índices de promoção, mais oportunidade de ingresso à escola serão oferecidas para atender à crescente demanda de matrículas;

. o valor deste encontro é menos pedagógico que econômico e social, uma vez que o nível de aprendizagem alcançado pelo indivíduo tem reflexos na economia nacional, já que possibilita maior produtividade;

. o Grupo participante da Semana de Estudos deve tornar-se realmente atuante em cada Estado para que haja maior racionalização e eficiência no trabalho docente;

. deve ser estabelecido um plano de avaliação contínua dos resultados alcançados pela Semana de Estudos - em que medida as diretrizes traçadas influíram pedagógica, econômica e administrativamente em relação à melhoria do ensino da leitura e, conseqüentemente, à elevação do nível cultural da comunidade.

. Tema proposto para estudo: De que modo deverão ser incluídas, nos Convênios entre o INEP e os Estados, cláusulas que assegurem: aprimoramento cada vez maior na seleção de candidatos para os cursos do INEP; aproveitamento posterior dos candidatos no sistema estadual nas áreas em que foram treinados.

. necessidade de um atendimento especial aos alunos de retardo mental leve e que não apresentem rendimento escolar satisfatório, embora seja preciso haver cautela na caracterização dessa deficiência e na separação desses alunos e que lhes seja oferecida oportunidade de se recuperarem e ingressarem nos grupos normais, sem que fiquem estigmatizados como alunos excepcionais.

. os métodos do ensino da leitura podem ser eficientes desde que o professor tenha segurança em seu uso;

. necessidade de maior divulgação dos estudos sobre ensino da leitura.

Dia 30/11

Tema: "Conceituação da leitura" - Discussão em torno do tema.

. Embora todos os participantes contribuíssem para esclarecimento do assunto, as discussões ficaram mais sob a responsabilidade das proffs. Maria Ivonne, Lúcia Pinheiro, Yedda Dias da Silva e as demais representantes da Guanabara.

. Apresentação, aos participantes da Semana, dos técnicos americanos membros da EATEP: Drs. Frank T. Lane, Charles S. Turner, Hallas Jackim, Harold J. Keeler, Harry R. White e Edith Berner. Esses técnicos, com exceção de Miss Berner, não tomaram parte nos trabalhos por não dominarem ainda, suficientemente, o português.

. À tarde, novo tema para discussão, em continuação ao da manhã: "Leitura e Repetência - alguns pontos para consideração".

Discussão em torno dos fatores sociais e econômicos, fatores relacionados com o aluno e fatores relacionados com o sistema escolar.

#### Conclusões (30/11/67) - "Conceituação da Leitura"

. ler é uma experiência de linguagem que se processa através da escola primária e em todos os demais níveis de ensino; é compreensão, reação e integração do que é lido às experiências do indivíduo.

. há necessidade de divulgar mais amplamente o conhecimento do que é leitura, sobretudo entre os elementos diretamente responsáveis por essa área.

. os cursos de aperfeiçoamento de professores e de formação de supervisores devem dar orientação relativa aos vários métodos de ensino de leitura.

. é conveniente que as escolas de demonstração utilizem mais de um método de ensino de leitura em suas classes de 1ª ano.

. o professor não pode ser obrigado a seguir um determinado método de ensino de leitura; ele tem o direito de empregar aquele no qual

tenha segurança; cabe ao supervisor, tendo em vista as condições do professor, dar-lhe orientação no sentido de enriquecimento do método usado, suprindo suas deficiências e limitações ou habilitá-lo no emprego de método mais conveniente. Diferentes métodos promovem a aprendizagem da leitura por caminhos diferentes. O melhor professor de leitura é aquele que usa uma combinação de métodos sabendo de que maneira relacioná-los num programa equilibrado.

"Leitura e repetência"

1. São fatores que interferem no ensino da leitura e, conseqüentemente, favorecem a repetência, os seguintes:

- . descontinuidade de freqüência às aulas, motivada pela necessidade da criança contribuir para a manutenção da família
- . desnutrição
- . deficiências sensoriais não atendidas
- . problemas emocionais
- . baixo nível sócio-econômico
- . pobreza de experiências
- . deficiências de linguagem
- . inteligência geral muito deficiente

2. Quando as crianças não apresentarem condições para serem imediatamente iniciadas na aprendizagem da leitura e da escrita, devem realizar atividades que favoreçam a obtenção daquelas condições.

3. O período estipulado para realização dessas atividades depende das reações das crianças e não deve concorrer para que se retarde o início da aprendizagem da leitura, quando já seja possível começá-la. As atividades nesse período não podem constituir mero treinamento de habilidades específicas mas antes atividades destinadas à socialização das crianças, ao enriquecimento do vocabulário e das experiências de linguagem, ao desenvolvimento do gosto das crianças pela escola e pela leitura.

4. As atividades de enriquecimento serão realizadas antes, durante e depois da alfabetização das crianças, uma vez que concorrem para o desenvolvimento da inteligência geral.

5. Os testes para medir níveis de prontidão para a leitura devem ser encarados como meios de orientação do trabalho docente e, não, como diagnósticos definitivos das condições infantis, o que leva o professor a subestimar o valor de outros recursos eficazes para avaliação da criança.

Dia 12/12/68

Tema: "Avaliação da leitura na 1ª série"

. Em primeiro lugar, há novamente discussão sobre o documento básico "Conceituação da leitura", até chegar-se a conclusões aceitas por todos.

. Visita da representante da COLTED, prof<sup>a</sup>. Anamira, que expõe sobre a cooperação MEC - Editores - USAID, na COLTED. Ressalta a importância das bibliotecas para os professores e alunos e promete levar ao conhecimento do Sr. Diretor-Executivo da COLTED o pedido das participantes para que os CRPE e os CEM recebam essas bibliotecas. Também foi discutida a necessidade de as Escolas Normais receberem esses livros, pois a maioria delas necessita de orientação.

. Finalmente, discussão do tema do dia. A esse respeito abordam aspectos ligados à promoção, currículo, sistema de administração e disponibilidade de tempo escolar.

Conclusões (12/12/67)

I. Conceituação da leitura

Ler é uma experiência de linguagem que se faz através de toda a escola primária e dos demais anos de estudo. É compreensão, é reação e integração de todo lido às experiências do indivíduo.



. A leitura é uma aprendizagem complexa e envolve diferentes aspectos que, embora interrelacionados, possuem características próprias e bem definidas.

. Os objetivos da leitura só poderão ser alcançados se houver uma compreensão clara e precisa da natureza do ato de ler, de seus fundamentos e dos objetivos do ensino da leitura por parte dos que são responsáveis pela orientação do ensino da linguagem na Escola Primária para que o adaptem ao professor na medida de suas necessidades e capacidades.

. Podemos dividir os métodos de leitura em dois grupos: os sintéticos e os analíticos. Entre os primeiros podemos citar: o alfabético, o fonético, o silábico. Entre os últimos: a palavração, a sentençação, o método de contos.

. Na escolha deste ou daquele método é essencial que a professora tenha em mente a conceituação da leitura, em toda a sua complexidade, a fim de imprimir uma direção segura ao seu ensino. Saberá que aspectos do ato de ler são realçados pelo referido método e o que lhe cabe fazer para suprir suas deficiências e limitações. Terá, finalmente, pleno domínio dos processos que emprega, sem o que fracassará pela insegurança que sentirá em seu trabalho.

. Diferentes métodos promovem a aprendizagem da leitura por caminhos diferentes.

. O melhor professor de leitura é aquele que usa uma combinação de métodos, sabendo de que maneira combiná-los, num programa equilibrado.

. O melhor método é aquele que usa uma combinação de processos. É eclético - uma tentativa de desenvolver na criança uma atitude favorável à leitura.

. O mesmo método não assegura os mesmos resultados em todas as escolas e para todas as crianças. Isto mostra que outros fatores tais como o professor, o aluno, o material usado, o tempo disponível e outros, exercem grande influência no progresso da leitura.

. O estudo comparativo de métodos envolve o controle de muitas variáveis dificilmente controladas.

O professor deverá lembrar-se de que a leitura é um processo complexo de percepção, compreensão e reestruturação contínuas da experiência do leitor, influenciado, portanto, por sua atitude, seus conhecimentos, sua vivência, seus interesses.

É necessário que o professor atenda às diferenças individuais, à capacidade de cada um, aos interesses permanentes e momentâneos, da classe com que trabalha, pondo à prova sua versatilidade e seu espírito criador.

## II- Avaliação da leitura na 1ª série

Testes, ou qualquer outro tipo de avaliação devem ser considerados como meios e não fins para conhecer a criança.

Dificuldade de avaliação: para as classes com promoção automática; para as classes que sofrem mudança de duas, três ou mais professoras durante o ano, para as classes que sofrem rodízio semanal (o melhor será não submeter as classes de 1ª série a esse rodízio); para as classes que não dispõem de material escolar adequado.

A avaliação na 1ª série não precisa ser muito rígida. Os programas é que precisam ser menos pretensiosos.

O sistema de promoção, nas escolas, não deverá ser mudado abruptamente, para não produzir o caos. A generalização só deverá vir após as fases iniciais, de experiência, como propõe a EATEP em um plano de regularização do fluxo de alunos pelas séries do curso primário.

A melhora do ensino está na melhora dos métodos e no aperfeiçoamento dos professores. A promoção é tanto mais baixa quanto mais alto o peso dos fatores negativos.

Faz-se necessário um levantamento periódico da situação do ensino da leitura e dos seus resultados.

Algumas sugestões sobre o estabelecimento de níveis de leitura para promoção (depois de estudo prévio):

- fixação de um padrão K (o mais baixo possível). Vencido o "mecanismo" da leitura, a criança irá para um segundo nível;

- a repetência só viria como último recurso, quando a criança nada tivesse conseguido;

- necessidade de se padronizarem os testes para sabermos, realmente, qual o nível da criança em leitura;

- organização, nas salas de aula de uma mesma série, de grupos de crianças de acordo com os níveis de aproveitamento em leitura.

. Possibilidade da organização de uma prova única com o essencial para todos os alunos e mais:

- uma 2ª parte para os mais adiantados

- uma 3ª parte para as classes que quiserem demonstrar o que fizeram a mais.

. Aplicar uma prova e tirar as conclusões a fim de ser discutido um padrão. Essa prova seria aplicada em meios diferentes, de acordo com orientação recebida ou não. Em seguida, comparação dos resultados mínimos a serem exigidos. Teríamos material para um estudo de valor.

. Necessidade da revisão e reestruturação dos currículos de leitura, com estudo acurado do conteúdo e a redistribuição em vários níveis. A organização desses níveis pressupõe conhecimento dos estágios da leitura e essa tarefa cabe aos técnicos de linguagem, que verão em cada nível aquilo de que a criança é capaz e não exigirão a mesma coisa em classes diferentes.

. Formação de uma equipe interestadual de técnicos de linguagem para consideração dos métodos, do tempo e dos níveis de leitura.

. Avaliação da prova única organizada pelas Secretarias de Educação, para todas as escolas, o que prejudica o trabalho das professoras e deturpa os objetivos dos currículos. Essa mentalidade é a responsável pela comparação e uniformização de padrões, causando o alto índice de repetência principalmente na 1ª série, pois a criança, dentro desse ponto de vista, só pode ir para a 2ª depois de chegar a um determinado nível pré-estabelecido.

. A prova de avaliação deve mostrar o que a criança fez, deve ser funcional.

. O preparo do professor é básico para a avaliação de aluno e adoção do critério de níveis.

. A evasão panorâmica da classe, em relação a toda a escola trará, como consequência, maior responsabilidade ao professor. Ele deve conhecer o aluno e a matéria de ensino - e não se acomodar aos pontos negativos da criança. Precisa conhecer o conjunto do sistema escolar e sentir que é parte integrante dele.

Dia 2/12/67

Tema: "Conclusões da I Semana de Estudos"

. Discussão ainda em torno da "avaliação da leitura", com as relatoras esclarecendo dúvidas e orientando futuras posições. Os trabalhos distribuídos sobre "Reorganização de classes para o atendimento dos diversos níveis de leitura" - da autoria dos membros da EATEP, Maria Yvonne Atalécio de Araújo e Edith Berner, vieram ao encontro das necessidades dos professores presentes, oferecendo-lhes novas perspectivas para a solução do problema.

. Os participantes fizeram uma avaliação rápida da semana, e cada um deles afirmou ter aproveitado bastante do convívio com outros colegas e da troca de idéias. Pediram a continuação dessas Semanas e falaram da necessidade de os Diretores dos CRPE e dos CTM, bem como dos Diretores de Divisões comparecerem a êsses encontros para que os problemas sejam compreendidos e as soluções buscadas por todos.

### Conclusões finais

A I Semana de Estudos promovida pela Equipe de Assistência Técnica ao Ensino Primário - EATEP - realizou-se de 27 de novembro a 2 de dezembro do corrente ano, na sede da própria EATEP. Dela participaram professores de Didática da Linguagem dos Centros Regionais e Centros de Treinamento do Magistério do INEP dos seguintes Estados: Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Guanabara, Minas Gerais, Paraíba e Pernambuco.

O objetivo principal do Encontro foi discutir aspectos ligados à produtividade do sistema escolar primário brasileiro, com ênfase no ensino da leitura na 1ª série. A Semana de Estudos, que alcançou plenamente suas finalidades, deixou registradas, por seus participantes, as seguintes conclusões:

1- É baixa a produtividade do sistema educacional brasileiro: são altos os índices de evasão e repetência, principalmente na 1ª série.

2- Fatores sociais e econômicos, fatores ligados ao próprio aluno e ao sistema escolar, são responsáveis pela baixa produtividade do sistema.

3- A leitura é uma das áreas do currículo que mais contribuem para o fracasso da criança na 1ª série.

4- A leitura é uma aprendizagem complexa e envolve diferentes aspectos que, embora interrelacionados, possuem características próprias e bem definidas.

5- Os objetivos da leitura só poderão ser alcançados se houver uma compreensão clara e precisa da natureza do ato de ler, de seus fundamentos e dos objetivos de ensino da leitura por parte dos que são responsáveis pela orientação do ensino da linguagem na escola primária, para que o adaptem ao professor, na medida de suas necessidades e capacidade.

6- Diferentes processos promovem a aprendizagem da leitura por caminhos diferentes. O melhor método é aquela que usa uma combinação de processos. É eclético - tentativa de desenvolver na criança uma atitude favorável à leitura.

7- Um método não assegura os mesmos resultados em todas as escolas e para todas as crianças. Isto mostra que outros fatores, tais como o professor, o aluno, o material usado, o tempo disponível e outros exercem grande influência no progresso da leitura.

8- O professor não pode ser obrigado a seguir determinado método no ensino da leitura: ele tem o direito de empregar aquele no qual tenha segurança. Cabe ao supervisor, tendo em vista as condi-

ções dêsse professor, dar-lhe orientação no sentido de enriquecimento do método usado, suprimindo suas deficiências e limitações, ou habilitá-lo no emprêgo de método mais conveniente. O melhor professor de leitura é aquêle que usa uma combinação de métodos, sabendo de que maneira relacioná-los num programa equilibrado.

9- Quando as crianças não apresentarem condições para serem imediatamente iniciadas na aprendizagem da leitura e da escrita, devem realizar atividades que favoreçam a obtenção dessas condições. O período estipulado para a realização dessas atividades depende da reação das crianças e não deve concorrer para que se retarde o início da aprendizagem da leitura, quando já fôr possível começá-la. As atividades nesse período não devem constituir mero treinamento das atividades específicas, mas destinarem-se à socialização das crianças, ao enriquecimento do vocabulário e das experiências de linguagem, do desenvolvimento do gosto das crianças pela escola e pela leitura.

10- As atividades de enriquecimento serão realizadas antes, durante e depois da alfabetização das crianças, uma vez que concorrem para o desenvolvimento da inteligência geral.

11- Os testes para medir níveis de prontidão para a leitura devem ser encarados como meios de orientação no trabalho docente e não como diagnósticos definitivos das condições infantís, o que levaria o professor a subestimar o valor de outros recursos eficazes para a avaliação da criança.

12- São muito altos os atuais padrões exigidos para a promoção da criança à 2ª série primária.

13- Há necessidade de um atendimento especial aos alunos de retardo mental leve o que não apresentam rendimento escolar satisfatório, embora seja preciso haver cautela na caracterização dessa deficiência e na separação dêsses alunos e que lhes seja oferecida oportunidade de se recuperarem e ingressarem nos grupos normais, sem que fiquem estigmatizados como alunos excepcionais.

14- Os cursos de aperfeiçoamento de professores e de formação de supervisores devem dar orientação relativa aos vários métodos de ensino da leitura.

15- É conveniente que as professoras-alunas das Escolas Normais e dos Centros de Formação de Orientadores, Supervisores e Administradores tenham oportunidade de estudar e observar a aplicação de mais de um método de ensino de leitura em classes de 1ª ano.

Finalmente:

É indiscutível a responsabilidade do INEP em toda essa problemática. Torna-se necessária uma integração de esforços no sentido de um ataque consciente e unânime ao problema, bem como maior divulgação dos estudos sobre o ensino da leitura, utilizando-se para isso todos os meios capazes de alcançar o professor.

Observações - Faz-se necessário que, nos próximos encontros, os participantes tomem conhecimento, com antecedência, de documento básico e que eles por sua vez tragam as apresentações por escrito, para que fiquem registradas. Talvez possamos pensar numa espécie de roteiro a ser-lhes enviado juntamente com o documento para que haja certa uniformidade nas informações e para que tenhamos dados mais fidedignos sobre o que se faz nos Estados sobre o assunto em pauta.

Rio de Janeiro, dezembro de 1967.

*Lyra Paixão*  
Lyra Paixão  
Coordenadora Técnica da  
EATEP

RESUMO DAS ATIVIDADES  
DESENVOLVIDAS DURANTE A I SEMANA  
DE ESTUDOS INEP/EATEP

TEMA: "PRINCÍPIOS BÁSICOS DE ALFABETIZAÇÃO"

PERÍODO: 27 DE NOVENBERO A  
2 DE DEZEMBRO DE 1967

DIRETOR DO INEP:  
DR. CARLOS CORRÊA MASCARO

Coordenadora geral dos trabalhos:  
Profª. Lyra Paixão

Reladoras: Profª. Maria Yvonne Atalécio de Araújo  
Profª. Lucia Marques Pinheiro



MRC/INAP/USARF  
EATEP

Travessa Guimarães Natal, 12 - Copacabana

I Semana de Estudos EATEP

Preparado por Eunice C. Macedo Rosa

Ocorrências da sessão da manhã do dia 27 de novembro  
de 1957

Iniciados os trabalhos da I Semana de Estudos EATEP, a Diretora da Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais do INEP, D. Lúcia Pinheiro, expõe sobre a situação atual da Educação Primária no Brasil. Analisa a situação brasileira e a compara com outros países. Considera nossos programas muito difíceis, elevado o nível para promover do 1º para o 2º ano e pequena a carga horária. Examina o problema da saturação e da formação preliminar das crianças. Fala do papel do INEP - preparar professores - e situa a EATEP nesse contexto.

Aconselha a experimentação daquilo que é novo e a observação dos efeitos reais. "Em educação é preciso ter espírito aberto e aceitar críticas, pois se trata de seres humanos e cada um é diferente do outro e pode apresentar reações bem características".  
diz ela.

As reformas são indispensáveis para conseguirmos novos e bons padrões na educação nacional e que sejam acompanhadas em-

ser inovações de avaliação e controle sistemático. Muitas tentativas de reforma têm sido feitas. É verdade que muitas se perderam antes de chegar ao fim.

A formação deficiente do professor e a descontinuidade administrativa são fatores preponderantes a considerar em nosso sistema educacional.

Ocorrências da sessão da tarde do dia 27 de novembro de 1967.

Ao começar a reunião, fala-se a respeito do rendimento escolar no sistema atual e verifica-se que a porcentagem varia de Estado para Estado. Em seguida é apresentado pela prof<sup>a</sup>. Diva de Moura Diniz Costa o microplano piloto que a EATEP pretende levar a efeito no Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Pernambuco.

A coordenadora geral ressalta o valor de caminhar por etapas e a orientação que se deve dar, de perto, ao professor. Informa que em Pernambuco tentamos criar uma consciência deste objetivo nas professores, diretores e supervisores. É preciso que haja mudança de mentalidade para aceitar inovações; e com uma outra sistematização e um novo plano de trabalho a repetência poderá baixar uns 20%. Muito influi neste problema a transferência do professor, razão por que deve ser evitada. Fatores vários devem ser controlados: currículo, padrões de promoção, flexibilidade de níveis, reagrupamento das crianças.

A diretora da Escola Guatemala discorre sobre o método adotado naquela casa de ensino; lá os fracos não se separam dos mais fortes; enfim ela mostra o valor do jardim da infância que muitos frequentaram. No 2º ano fazem experimentação com o método mixto.

Antes de encerrar a reunião, é distribuído aos membros participantes da semana, material da EATEP.

Ocorrências da sessão da manhã do dia 28 de novembro de 1967

A princípio o assunto versou sobre reformas e prontidão profissional, passando em seguida à apresentação dos trabalhos em desenvolvimento nos Estados.

Com a palavra, a representante de Alagoas afirma que estão com novo programa, desde 1966. Funciona lá uma equipe da DAP<sup>(\*)</sup> e todos os professores aceitaram a reforma advinda com esses elementos novos. Realizam-se semanas pedagógicas e há cursos de supervisores cuja primeira turma, de 70 alunos, sai agora em dezembro. A assistência ao professor era mínima, já que a proporção era de um supervisor para 150 professores. Em funcionamento há também classes de experimentação e é grande o número de professores desejosos de fazer experiência, acompanhados de perto pela Secretaria de Educação. Adotam a cartilha do Nordeste. A promoção já melhorou, embora constitua ainda objeto de estudo. Na realidade nos seus programas é que exigem demais em comparação com outros países.

A coordenadora geral acha que os alunos fracos não devem ser retidos no 1º ano, mas promovidos ao 2º e que contém aí uma assistência especial. Para D. Lúcia a criança deveria aprender o mecanismo da leitura no 1º ano, e no 2º, viria a leitura de frases e pequenas histórias.

No Espírito Santo trabalham com duas classes experimentais, expõe uma representante de lá. Uma das classes adota o método global e a outra uma cartilha adaptada. As professoras não recebiam orientação. Agora, porém, houve melhora e caiu o índice de reprovação. Além de ser grande o número de professores leigos, a política também influi bastante no sistema de ensino.

Em seguida tratam de classes multigraduadas. Apresentam às vezes, de 40 a 60 alunos e estão sempre com duas professoras. Ainda a respeito de processos, acham que novos métodos e técnicas exigem aulas de demonstração para se esclarecerem dúvidas já que os professores, em sua maioria, têm pouco preparo.

(\*) equipe formada na DAP (CRPE, B. H.)

Comunicações de reuniões da tarde do dia 28 de novembro  
de 1967

Como o tema é - Alfabetização no Brasil - processos e material - a representante da Bahia mostra o trabalho educacional que estão realizando naquele Estado.<sup>(\*)</sup>

Fala do pré-livro, cartilha, métodos e processos empregados. Classifica as crianças de acordo com as idades e segue o programa de Minas Gerais. Dão nova orientação a três escolas com um total de 70 salas e contem com nove orientadores. A maior dificuldade está mesmo na aprendizagem da leitura. Ressalta o valor da Escola Parque e sua atuação. Há cursos com aulas teóricas e práticas para professores leigos que recebem bolsas.

Em seguida passa a expor uma das representantes de Goiás. Algumas cidades goianas adotam pré-livro, mas é muito escasso o material. Há curso, normalmente na capital, para professores novos treinados na aplicação de cartilhas. Usam também o teste A.B.C. e teste de reajustamento. No período preparatório todas as professoras trabalham com as crianças. São bastante altos, porém, os padrões de avaliação.

Agora a apresentação é feita pela representante da Paraíba. Há três anos funciona: Centro de Treinamento com a ajuda do INEP; Administração Escolar com vinte e cinco membros, e Curso de Supervisores com trinta e cinco. Há Escola de Demonstração com dois turnos. As crianças pertencem a meios bem diferentes e a primeira série é feita em dois anos. São aplicados testes de prontidão no período preparatório e, no fim do ano, a Secretária manda uma prova que exige muito, além de ser eliminatória. Contudo, é pequeno o número de reprovados. D. Lucia acha muito dois anos na primeira série, só para aprender a ler.

(\*) principalmente o que se realiza na Escola Parque, em Salvador (CIEP - Bahia).

Ocorrências da sessão da manhã do dia 29 de novembro de 1967.

Tem seqüência a exposição e debates sobre Alfabetização no Brasil - processos e material. Com a palavra, uma das representantes de Pernambuco apresenta o trabalho que está sendo desenvolvido em seu Estado.

No Centro de Treinamento de lá há três pessoas capazes e seis classes. Não há professores especializados, mas demonstram bastante interesse os que ali prestam serviços. Já visitaram as Escolas Parque e Guatemala. Acharam-nas bem dinamizadas.

Há também um Grupo de Treinamento de Supervisores com vinte e cinco membros. Organizaram cursos de treinamento, um com aulas de metodologia e conteúdo, sem observação, porém, em classes. Apenas teoria. Estudaram plano de aula e criticaram a cartilha adotada o que determinou certas modificações no livro. Num outro curso não houve Língua como matéria.

Para um 3º treinamento o INEP deu grande ajuda. Foram obrigatórias as disciplinas: Psicologia e Prática. Os participantes podiam escolher também Metodologia. Muitos preferiram Língua e outros, Matemática.

O Centro de Treinamento já tem prédio próprio. Até aqui funcionava com a SUDENE.

Na Secretaria de Educação há Departamento para orientação, avaliação e planejamento. Onze núcleos de supervisores funcionam regularmente. Vinte e três municípios formam um núcleo.

Os debates giram em torno do conceito de Supervisão. D. Lúcia afirma que muitos professores fazem bom trabalho sem terem grande formação. Somente o entusiasmo e a boa vontade os dirige. Finalmente a expositora fala de um seminário que versou sobre

progressão na 1ª série, reunindo os núcleos de supervisão, tendo sido apresentados seis temas.

Com a palavra, uma das representantes de Minas Gerais discorre acerca de um seminário (\*) feito com trinta e oito participantes que trataram dos cursos básicos e onde apresentaram muito trabalho prático. Consideraram também os fundamentos tanto lingüís ticos como fisiológicos do ato de ler.

Usam material com planos de aula e atividades de aplicação. Com técnicas variadas observam a mesma palavra em situações diferentes. Procuram afastar-se de memorização. Em relação ao material empregado, consideram muito importante o quadro negro e utilizam objetos simples e de fácil aquisição como o jornal, por exemplo.

Numa segunda parte do trabalho apresentou o método de leitura usado na DAP e seus passos básicos, a saber: I - a preparação que se constitui da incentivação, apresentação de gravuras, sentido do texto, análise estrutural e fonética; II - leitura silenciosa, dirigida por meio de perguntas; III - leitura oral como diagnóstico; IV atividades relacionadas, jogos de adivinhação; V - enriquecimento.

Surtem perguntas diversas. Falam do método analítico e da palavrção. Afirmam que há vários métodos bons, mas falta o bom uso deles. Qualquer um é eficiente, desde que o professor tenha segurança para empregá-lo e bom esclarecer.

Ocorrências da sessão da tarde do dia 29 de novembro de 1967.

A apresentação feita, de manhã, por uma das representantes de Minas Gerais sobre o trabalho realizado naquele Estado de terminou o início dos debates que ora continuam.

---

(\*) Este seminário faz parte do curso de especialistas de Línguas (DAP-CRPE - B. H.)

Respondendo a perguntas de congressistas, a expositora conta os resultados, bastante satisfatórios, obtidos nas classes (\*) de 1960 e 1961. Apresentaram rendimento entre 97 e 100% e, ao juízo, as crianças já estavam alfabetizadas. Há turmas de repetentes (1) com orientação indireta e professores com pouca ou sem nenhuma prática. Funcionam também cursos de supervisão com 70% de aproveitamento.

Falam em seguida da necessidade de um atendimento especial aos alunos de retardo mental leve, com prejuízo no rendimento escolar, de cuidado na caracterização dessa deficiência e na separação desses alunos. Que lhes seja oferecida oportunidade de se recuperarem e ingressarem nos grupos normais, sem o estigma: excepcionais. D. Lúcia acredita na possibilidade de alfabetizar a criança de cinco anos. E assim trata da importância do jardim cuja função primordial é socializar e não alfabetizar. É narrada a experiência de um grupo escolar mineiro - Caminho à Luz - com alunos bem atrasados, crianças rejeitadas por outras escolas e idade mental de cinco anos. Funciona há três anos e a 3ª série corresponde, na realidade, à 2ª. As classes se constituem de treze alunos, todos de morro e com professores remunerados pelo Estado. Usam o método global e o andamento dos trabalhos está na dependência da capacidade dos alunos. A professora é, pois, responsável pelo rendimento em sua classe.

D. Yvonne continua o tema - Conceituação da Leitura. Afirma que, no método de contos, a criança aprende a palavra como um todo. As experiências no Brasil têm comprovado que, com um acervo de 50, 60 palavras, a criança já pode fazer a decomposição em sílabas e juntá-las para formar palavras novas. Isto não ocorre na língua inglesa, onde não há sempre a mesma correspondência entre o som e a apresentação visual da palavra.

---

(\*) classes de 1ª série da Escola de Demonstração (DAP, CRPE-E.H.)

(1) classes de 1ª série do Grupo Escolar anexo à DAP - Geneleira

8.

Ocorrências da sessão da manhã do dia 30 de novembro  
de 1967

Inicia-se a reunião com a presença do Diretor do INEP, Dr. Carlos Correa Mascaro, que pronuncia discurso, depois de afirmar que está acompanhando os nossos estudos e trabalhos. Acha que este grupo será um instrumento importante para vencer as dificuldades na escola primária e fazer com que ela atenda a todas as crianças brasileiras. Ressalta a repetição na primeira série e o papel da leitura para o principiante: "Constitui uma barreira e, às vezes, mesmo com professor especializado torna-se intransponível, não chegando o aluno ao nível desejado em leitura. Cada aluno aprende no seu ritmo e merece tratamento individual. É preciso buscar maior eficiência no ensino da leitura, cujo problema não é só pedagógico mas social e nacional. Precisamos de mais eficiência no ensino para darmos maior racionalidade ao trabalho, o que produziria grande bem à economia do país. O professor precisa conhecer isso, embora seja preocupação das autoridades. A administração deve também ter consciência desse problema. É de dever dela nomear, educar professores e fornecer material. Um orgulho profissional natural e um alto índice da profissão para o país são fatores fundamentais e necessários para nós."

Acha imprescindível "que esse discernimento invada áreas extraescolares para fazer com que as autoridades aumentem as verbas e, assim, dobre-se o índice de rendimento na leitura. O desenvolvimento do país depende do desenvolvimento da educação primária e o professor precisa sentir sua responsabilidade.

Este grupo será um fermento bom para conscientizar os Estados."

Como administrador, preocupa-se o Diretor do INEP com a avaliação. Considera cada grupo uma empresa social que deve render para toda a coletividade. É necessário boa produção e que cada um tenha satisfação em contribuir com ela.



A coordenadora geral dos trabalhos louva a ideia do Dr. Mascaro e ressalta o valor dos depoimentos das representantes dos Estados.

Embora sejam diversas as responsabilidades do INEP, explica que esta é atribuída a poucos elementos. Tais encontros trazem harmonia, apesar de não haver unidade de pensamento e ação no país. D. Lúcia alude ao trabalho pouco unido entre os Estados. D. Yvonne confirma a revitalização produzida por êsses contactos. Em cada Estado há um sistema e falta unidade nacional; e um núcleo vitalizador, formado por um grupo selecionado em constante ligação com o Secretariado traria benefícios imensos.

Dr. Mascaro fala de verbas e de recursos reduzidos do INEP.

A coordenadora geral esclarece que a preocupação do INEP é formar o pessoal. Os centros militam convictos de que conseguiremos algo das Secretarias. É necessário, pois, vencer a distância entre o nível ideal e o real.

É feito um apêlo para as crianças excepcionais relegadas. Não há professor especializado, nem material didático próprio. Dr. Mascaro diz que não pode ajudar diretamente, além de ser um problema dispendioso que cada Estado deve resolver. O INEP só pode dar assistência técnica. São necessárias pesquisas para identificar a excepcionalidade e orientação sobre como confeccionar o material didático.

Surge a situação de profissionais especializados que não são aproveitados. Para Dr. Mascaro é indispensável um controle bem feito, o que D. Lúcia acha difícilíssimo. Todos acham necessária uma cláusula nos convênios a fim de que os bolsistas sejam bem aproveitados e o pessoal para cursos bem escolhido. Para isso é importante cooperação e união. Só assim o Brasil pode sobreviver, segundo Dr. Mascaro que deseja que o país aproveite de ação de cada participante do seminário.

A coordenadora geral agradece as palavras do Diretor do INEP.

Após a saída de Dr. Mascaro, discutem sobre a cláusula que seria introduzida nos convênios para controlar o aproveitamento dos professores que tivessem recebido bolsa. A princípio sugerem a possibilidade de dar verba na proporção da produtividade.

Em seguida a coordenadora geral propõe destacar pontos do trabalho de D. Yvonne para o grupo apreciar. D. Lúcia pergunta se é para compreensão ou crítica. Para D. Yvonne trata-se de uma reação - e não crítica, mas admite esta última. Acha que o professor deve ser orientado a fim de fazer perguntas com finalidades específicas, inclusive para dirigir a atenção da criança em certos pontos.

D. Lúcia condena os títulos em textos - não se deve começar dando tudo de uma vez à criança; dar-lhe tempo é bom. Além disso, podem influir fatores emocionais ou a criança prender-se a detalhes em que ache graça.

D. Yvonne contesta e afirma que diversos títulos podem ser apresentados e isto não constitui idéia principal. Devemos dirigir o pensamento da criança para coisas mais importantes. As bolsistas demonstraram não saber esquematizar. Acha muito difícil tirar a idéia principal de um filme ou livro. D. Lúcia se opõe a que coloquem tudo isso em linguagem, no primeiro ano, porque é grande a carga. Devemos desenvolver a habilidade de estudar, mas para fazer isso temos vários anos.

Para D. Yvonne a linguagem é um agente cultural. A leitura dá fundamentação à criança; aplica-la, pois, em situações específicas. No primeiro ano só há um início; as habilidades vão se desenvolvendo aos poucos. Até o sexto ano é ensinado como encontrar a idéia principal de um texto.

Falam depois da possibilidade de enriquecimento dos métodos e de estudos feitos com bolsistas para observar isso.

Há falta de orientadores e tudo deve ser muito simples para que o professor possa, sozinho, aplicar o que foi selecionado por ele, diz D. Lúcia.

(\*) Bolsistas dos diversos cursos do INEP, durante o treinamento

Debates sobre escolhe do manual a adotar e o periodo gas to para a crianca comecar a ler.

A coordenadora geral expoe sobre a obrigaçao de se escre verem livros didaticos.

Discutem sobre isso e em seguida e encerrada a reuniao.

Ocorrências da sessão da tarde do dia 30 de novembro d. 1967.

A coordenadora dos trabalhos - D. Lyra Paixão - depois de apresentar aos srs. participantes da semana os técnicos america nos que aqui trabalham conosco e convidar para uma reunião em casa de D. Edith Berner, dá a palavra a D. Maria Yvonne.

Passaria esta orientadora a esclarecer tópicos do traba lho - Conselhtação da Leitura - mas, de acôrdo com sugestão dos con gressistas, retoma o assunto - Repetência na 1ª série.

Recebe influência de três fatores:

- a) Sociais e econômicos;
- b) Fatores relacionados com o aluno;
- c) Fatores relacionados com o sistema escolar.

Em seguida, debatem sobre os fatores sociais e econômi cos. Concluem que causas diversas podem ser consideradas em rela ção a esse item: - êxodo rural das famílias, daí a evasão de alunos - a colheita que absorve os filhos dos trabalhadores que vão ajudar os pais - obrigações em casa (entrega de pão, trabalho na feira, etc.) - saúde nem sempre boa - pobreza de vocabulário das crianças entregues a empregadas - a televisão atuando de maneira positiva, mas também negativa - rejeição - nível sócio-cultural baixo - falta de alimentação - mau preparo do professor - distância da escola e dificuldade de transportes - ausência da diretora e professores que residem longe - situação entre os pais dos alunos.

Tretam, depois, da correlação entre o nível sócio-econômico e a inteligência. Se baixo o nível, maior a dificuldade

para ler e mais pobre a linguagem. Esse meio de comunicação exige atenções e a escola precisa valorizar a linguagem. É preponderante aqui o papel da família. A escola precisa elevar o nível de capacidade da criança. Mas como? Através de atividades, brinquedos, riqueza de experiências elevar-se o nível intelectual do aluno. Enriquecer-lhe as experiências. Há a importância do período preparatório. Falta, porém, conscientização da parte do professor. Por outro lado, há o perigo oposto: prender-se muito à necessidade de prontidão e maturidade - retardar o processo de ler mais do que o necessário àquela classe.

Abordou-se o papel dos testes no diagnóstico da prontidão para a leitura. Ficou claro para todos que sua função é orientar. Testes são meios e não fins para conhecer a criança, assim como qualquer outro tipo de avaliação. A observação do professor é que deve complementar o resultado do teste que recebe influências várias quando do aplicado. O teste dá um prognóstico da criança e mostra a necessidade do período preparatório. Discute-se a importância, deturpada pela falta de conscientização do professor. É necessário, pois, que haja reavaliação deste período, cujas atividades devam muitas delas continuar pelo resto do ano, a fim de que esta fase não seja estagnante.

Há relação entre o fator sócio-econômico e o emocional, influenciando aquele sobre este, trazendo muitas vezes complexo de inferioridade, com baixa na produção escolar, ansiedade e bloqueio. O professor deve, portanto, estimular o aluno para conseguir resultados satisfatórios e assim diminuir a repetência. Há, porém, desestímulo no professor, sobretudo quando é do mesmo meio social das crianças.

Em seguida, D. Tronco faz uma revisão dos fatores vistos, para analisá-los a influência. Quanto aos fatores relacionados com a criança temos: emocionais (como a timidez) - fatores físicos: deficiências visuais, auditivas, falta de atenção, inquietude, influência da família, inteligência geral, linguagem, etc. Além disso, o professor tende a transferir para a criança as próprias dificuldades e não procura superá-las, quando é uma necessidade vencê-las.

Entre os fatores relacionados com o sistema escolar, pode-se incluir a personalidade do professor. Receber uma classe de acordo com seu gosto, suas aptidões, suas características para aquela turma. Prepondera aqui o papel do diretor, a influência da direção da escola em ver que turma convém a cada professor.

A dificuldade quanto à situação de poucos professores quereres 1ª série só pode ser resolvida com a mudança de mentalidade dos professores a qual deve ser: progredir sempre e enfrentar todas as turmas. O professor deveria dar, em ordem decrescente, as turmas para as quais gostaria de leccionar.

Além desses, há outros fatores que atuam na escola.

Para avaliar a aprendizagem, poderia ser tomada, como su gestão, a promoção progressiva. Quanto a esse assunto que é bastante complexo, D. Lúcia acha que se deve pensar melhor no que vai exi gir no 1º ano - considera fundamentais programa e currículo.

Distribuído o trabalho - "Reorganização de classes", a coordenadora pede aos congressistas que o leiam para o debate de amanhã e encerra a discussão.

#### Ocorrências da sessão da manhã do dia 12/12/67

A coordenadora geral dá início aos trabalhos da sessão lendo as conclusões a respeito da Leitura na 1ª série. Surgem perguntas sobre sua conceituação. Concluem que o trabalho de D. Ivonne é para orientar técnicos e não para professores, sobretudo quando leigos. E o assunto agora gira em torno do conhecimento do técnico - o orientador -, da necessidade de observar diretamente, para não orientar sem ter tido experiência com alunos, contacto direto com classes. O ensino deve ser constituído de aulas teóricas e práticas; deve principalmente ser funcional. Para isso são indispensáveis escolas de aplicação para as escolas normais cuja remodelação é premente, já que as atuais pecam pelo conteúdo, principalmente pela fraca base de pedagogia que é dada aos alunos.

Para D. Lúcia convém dar primeiro os objetivos gerais, o material e o conteúdo. Viriam depois as atividades. O professor deve ter noção completa de sua responsabilidade. Precisa de visão bem ampla e comparar nosso rendimento com o de outros países. O candidato à escola normal deve ter também uma base segura de Português como língua, meio de comunicação.

14.

Discutem a respeito das escolas normais estaduais e particulares e mostram a importância de testes vocacionais que deveriam ser aplicados, antes de aceitar o candidato ao magistério.

A coordenadora fala da falta de informação geral dos alunos. Os supervisores deveriam estar a par de tais assuntos e se reunir para debates e estudos. Contamos para isso com a ajuda da COLTEB. E apresenta sua representante D. Ananira que expõe sobre a cooperação MEC - Editores - USAID, na COLTEB.

É ressaltada a importância das bibliotecas para os centros de treinamento e a necessidade de bem guardá-las. São sugeridos critérios para escolher as escolas normais que serão beneficiadas. Haverá livros para o professor e livros para o aluno. Foram escolhidos por professores bem competentes, explica D. Yvonne.

Ocorrências da sessão da tarde do dia 12 de dezembro de 1967.

A coordenadora dos trabalhos inicia a reunião lendo os Objetivos da Leitura e em conjunto com os congressistas faz emendas no sentido de tornar bem claros todos os itens. Passam depois às Conclusões da Conceituação de Leitura.

Os debates giram em torno do método eclético que exige muitos recursos, gravuras, flanelógrafos e muitas técnicas. É quase um processo novo. As técnicas não são estanques; elas se completam.

É discutido agora o caso de crianças lerem palavra isolada. D. Yvonne fala do fenômeno da forma da palavra. Também a criança é capaz de perceber pormenores e, não raro, demonstra ter feito análise e síntese já no terceiro dia de aula. Os participantes acham que qualquer método é bom, desde que bem orientado, bem usado e que sejam superadas suas deficiências. Isso dependerá, no entanto, de professores.

Passando à avaliação da leitura, de acôrdo com a agenda, são abordados assuntos relativos à avaliação, promoção e às dificuldades nas classes com promoção automática. E, referindo-se à administração da escola, D. Lúcia fala das mudanças de professores, sobretudo na 1ª série que exige bom professor. Considera o problema da alçada da diretora, que é bastante responsável por esta situação horrível. Condena também o sistema do rodízio. A administração precisa tomar consciência da necessidade do material escolar. E o assunto agora é este: material usado na escola. D. Yvonne preconiza o uso do quadro negro e cita o livro: "O quadro de giz muito usado pouco explorado" de Lília da Rocha Bastos e Alba Maria Vasconcelos.

Em seguida os participantes passam ao currículo, sistema de administração e tempo.

É o nosso sistema de avaliação o mais válido e o que deve persistir? Para a coordenadora a avaliação na 1ª série não precisa ser muito rígida. É verdade que os programas são tanto mais pretezosos quanto mais atrasados os Estados. D. Lúcia acha que um sistema de promoção não pode ser mudado abruptamente, porque produziria o caos. São necessárias fases iniciais, experiências, para depois vir a generalização, o que levou a BATEP a tratar deste assunto. Temos aqui estudo sobre a questão e sobre a repetência, além de medidas boas para o caso. Teríamos influência para propor medidas a fim de evitar a repetência? Vamos dar ajuda a quem quiser.

Classes especiais para crianças fora da faixa escolar exigem programa reduzido para o curso fundamental em três anos. Surge o termo acelerado que provoca discussão. Concluem que programa acelerado é aquele que só exige o fundamental e exclui o supérfluo, o secundário; dá idéia de que a criança vai progredir. Para D. Lúcia a melhora do ensino está na melhora dos métodos e aperfeiçoamento dos professores. A promoção é tanto mais baixa quanto mais alto o peso dos fatores negativos.

D. Yvonne passa à reorganização das classes e explica a divisão de cada turma em grupos; isto em tese. D. Lúcia acha a idéia possível e ótimo "o ensino por equipes". Fala, porém, da dissociação entre a escola normal e a escola primária e o mau preparo do professor. Um convívio com classes e alunos viria mostrar ao aluno-mestre se ele tem ou não tendência para o magistério, ainda na escola normal. O professor de Linguagem estabeleceria esse elo entre as duas escolas.

Concluíram mais uma vez que o ensino normal precisa ser reestruturado.

D. Yvonne pede que, em casa, leiam "Avaliação da leitura", e comenta a conceituação. Acha indispensável melhorar nossas condições para medir realmente a leitura. Segundo D. Lúcia, levantamentos periódicos, para saber como está a situação, se fazem necessárias. Para verificar isso uma comissão especial será nomeada, sob a chefia de D. Yvonne.

D. Yvonne quer dos participantes da semana de estudos uma tomada de posição. A coordenadora geral pede que apresentem amanhã as conclusões que tiraram dos estudos feitos.

Ocorrências da sessão da manhã do dia 2 de dezembro de 1967.

Iniciam-se os trabalhos com pedidos de congressistas sobre orientação do nível de leitura para promoção. D. Yvonne considera pretencioso ocupar uma posição, sem um estudo prévio. Para D. Lúcia podemos fixar um padrão X (o mais baixo possível). Percebido o mecanismo da leitura, a criança seria aproveitada e iria para um segundo nível. A repetência só viria como último recurso, quando a criança nada tivesse conseguido. Em nada seria prejudicada com essa experiência. Resta ver, porém, os programas da es-



cola primária; em geral, muito extensos, porque têm como objetivo a admissão ao ginásio. É verdade que a Lei de Diretrizes e Bases fala da 5ª e 6ª séries que viriam completar o conteúdo dos programas do primário. Tal situação deve ser explicada aos pais dos alunos porque estes últimos devem fazer pelo menos a 5ª série.

É, pois, necessário padronizarem-se os testes, para sabermos, realmente, qual o nível de conhecimento da criança em leitura.

O trabalho de D. Edith Berner e D. Yvonne Araújo - Reorganização de classes - fala dos níveis de leitura; vem, pois, ao encontro das idéias de D. Lúcia quanto à necessidade da existência de níveis para avaliação dos alunos e de se determinar o conteúdo de cada nível, além da conscientização da professora sobre essas idéias. Chega então o momento da importante função dos orientadores de ensino.

A discussão é interrompida com a chegada de D. Anamira que vem falar das bibliotecas que a COLTED doará às escolas normais. O critério adotado para a distribuição, explica, é o de atender primeiro às escolas mais numerosas, razão por que a COLTED já solicitou aos Estados o número de suas escolas normais. As de segundo ciclo terão prioridade sobre as de primeiro. Serão incluídas escolas estaduais e particulares. Uma comissão escolherá as escolas normais que serão beneficiadas e para isso pede sugestão aos presentes. D. Zenaide esclarece que um estudo mais objetivo sobre as Escolas Normais do Brasil é encontrado no Anuário Estatístico. Comunica também aos participantes da semana que o IBGE não fornece mais gratuitamente esse anuário, embora seja indispensável às pessoas que lideram o ensino.

Sai da representante da COLTED, prossegue a discussão sobre Leitura e Repetência.

A coordenadora geral pergunta se querem os congressistas dialogar com outros centros de linguagem, a respeito das idéias que têm sido aqui discutidas. Muitos acham interessante que um elemento da Secretaria de Educação participe dessas reuniões, o que está de acordo com o ponto de vista do Dr. Mascaro. Haveria um grupo para tratar do mesmo assunto e que fôsse a mesma diretriz entre o INEP e os Estados.

Voltando às conclusões, D. Lúcia sugere estágios de observação em escolas, como medida para mudar o que estava sendo feito. Comenta, em seguida, o plano de se fazer uma prova única para todas as escolas conforme estão querendo. Constará ela de uma parte com o essencial para todos os alunos; uma segunda parte para os mais adiantados e uma terceira, para classes que quisessem mostrar o que fizeram a mais. São pedidos ao INEP meios para realizar os estágios nas escolas. D. Lúcia, depois de falar de verbas reduzidas, portanto, difícil atender a esse pedido, embora esteja esperando ajuda da OEA, expõe idéias quanto à avaliação. Para determinar uma base do que fazer, aplicar uma provinha e tirar as conclusões a fim de que seja discutido um padrão. Essa prova seria aplicada em meios diferentes: orientado e não orientado. Depois, comparados os resultados mínimos a exigir. O objetivo é ver o mínimo exigível. Importa aqui a pesquisa que nos dará uma amostra apenas. Quando, porém, a aplicação dessa prova? No fim ou começo do ano?

A criança não seria reprovada, mas a prova forneceria material para estudo de gabarito.

D. Yvonne, aproveitando a oportunidade, sugere revisão e reestruturação do currículo de leitura, com um estudo de seu conteúdo e a redistribuição em vários níveis. A organização desses níveis pressupõe conhecimento dos estágios de leitura e essa tarefa caberia aos técnicos em linguagem. Ver em cada nível de que a criança é capaz e não exigir a mesma coisa em classes diferentes. Respeitar as diferenças individuais. Esses níveis serão feitos aos poucos. D. Lúcia diz que haverá uma comissão para isso e D. Yvonne que a chefiará, pede que os elementos sejam interestaduais. A comissão considerará os métodos, o tempo, os níveis, enfim o que fazer. As dificuldades corresponderiam aos níveis.

É condenada a atitude de as Secretarias de Educação organizarem provas, porque interferem muito no trabalho das escolas. A avaliação deve ser feita por pessoas entendidas no assunto. D. Lúcia insiste em não comparar nada, nem uniformizar, e acha que uma criança só pode ir para o 2º ano, quando dominar uma estrutura, um mecanismo. Caso contrário, iria para uma classe onde, no ano seguinte, continuaria o que começou no ano anterior. Partirá, portanto, de um

de parou. A prova para avaliação deve mostrar o que a criança fez, ser funcional. Para haver rendimento e levar a criança de um nível para outro melhor, o preparo do professor é básico. Ele precisa ter uma visão do problema. Essa visão é uma boa estimativa, porque o professor situa sua classe no Grupo, no Estado, no País. Não se fixar numa classe. É bom não só demonstrar, mas experimentar e trocar os professores, mesmo nas escolas de demonstração, por novas experiências virão com os outros professores. Essa renovação tornaria mais amplo o ambiente de trabalho. O ensino deve ser de acordo com o vocabulário infantil. Assim os recursos empregados podem ser mais simples. A criança pode perceber estruturas, graças à flexibilidade dos músculos e não é necessário um vocabulário riquíssimo como o estabelecido, por exemplo, pelos americanos. Imagem e som fazem que a criança brasileira corra mais que a estrangeira.

A coordenadora geral passa à avaliação e Conclusões dos estudos feitos. Lê um sumário dessas conclusões com os seguintes tópicos:

- 1- Objetivos da semana
- 2- Pontos principais aqui abordados
- 3- Conclusões

A visão panorâmica da classe em relação a toda a escola trará, como consequência, a responsabilidade ao professor. Ele deve conhecer o aluno e a matéria de ensino - seus elementos primordiais de trabalho - e não se acomodar aos pontos negativos da criança. Ver o conjunto do sistema escolar e sentir que é parte integrante d'ele. Precisa dilatar sua visão e ter melhor preparo e responsabilidade esclarecida.

A coordenadora lê pontos que tratam do aluno.

Nas conclusões gerais, acham todos que orientadores e diretores devem conhecer as leis que regem o ensino. D. Lúcia recomenda a leitura em toda a escola primária, durante todos os anos de escolaridade. Necessário maior entrosamento entre os responsáveis pelo ensino, e lembram aqui o intercâmbio entre os diversos centros.

Em seguida pedem-se apreciação da semana e sugestões para as que serão realizadas futuramente.

Desejam que os outros encontros não sejam muito distantes e mantidos os mesmos membros, além de novos que viriam trazer suas experiências. Que os trabalhos feitos sejam divulgados porque as idéias adquiridas conduzem a outras. Aplicar o que foi visto, ver as resistências encontradas para combatê-las.

A bancada do nordeste sugere que haja encontros no nordeste a fim de serem conhecidas as dificuldades daquela região. A coordenadora geral afirma que os encontros serão regionais e assim poderá atender àquela sugestão. Achou ótimo observar atividades dos participantes em seus Estados. Pede que sejamos responsáveis pela boa utilização da linguagem da criança e que pensemos no desenvolvimento dessa linguagem.

Agradece o trabalho das relatoras D. Yvonne Atalécio e D. Lúcia Pinheiro e de todo o grupo. Para finalizar, distribui os certificados da semana, e o trabalho - Fluxo dos alunos. Afirma que a matéria discutida será enviada a todos os participantes, inclusive uma descrição sobre escola isolada. Pessoas de cúpula participarão dos futuros encontros regionais.

Rio de Janeiro, dezembro de 1967.

*Eunice da Conceição Macedo Rosa*

Eunice da Conceição Macedo Rosa

Dez., 1967  
lm

RELATÓRIO DA II SEMANA DE ESTUDOS  
INEP/EATEP

TEMA: OBJETIVOS DA ESCOLA PRIMÁRIA - CURRÍCULO E  
PLANO PILOTO DA EATEP

PERÍODO: 25 A 30 DE MARÇO DE 1968

DIRETOR DO INEP:

DR. CARLOS CORRÊA MASCARO

Representantes da USAID:

Dr. Monroe O. Cohen

Dr. Frank T. Lane

Coordenadora Geral dos Trabalhos

Profª. Lyra Paixão

Membros da EATEP responsáveis pelo desenvolvimento dos  
trabalhos:

Profas. Edith Berner

Maria Yvonne Atalócio de Araujo

Diva de Moura Diniz Costa

## Relatório da II Semana de Estudos EATEP

### I- Objetivos:

- . Estudar a situação do ensino primário no Brasil, em geral, e nos Estados participantes, em particular.
- . Estudar os currículos adotados nas Escolas Primárias Estaduais e procurar adaptá-los ao nível de capacidade da maioria das crianças que frequentam essas escolas, começando com o currículo da 1ª série.
- . Estudar os diversos meios de treinamento do professor em exercício.
- . Estudar e selecionar o material de ensino necessário ao desenvolvimento dos currículos.
- . Estudar os meios de avaliação existentes no país e providenciar a atualização ou elaboração de testes e provas de maturidade e escolaridade.
- . Estudar as fichas de avaliação do sistema escolar primário e as fichas de acompanhamento de aluno, elaboradas pela EATEP e já utilizadas em Vitória e Porto Alegre.

### II- Organização

LOCAL - sede da EATEP: Travessa Guimarães Natal, nº 12 - Copacabana - GB.

Período - 25 a 30 de março de 1968.

Promotores: INEP/EATEP/CONTAP

Participantes:

#### . Membros da EATEP:

Maria Kvonne Atlêcio de Araujo  
Diva de Moura Diniz Costa  
Maria Divanete Vieira  
Edith Berner  
Lyra Paixão

#### . Representantes da USAID:

Monroe D. Cohen  
Frank T. Lane

2

. Grupo da Secretaria da Educação de Pernambuco:

Alayde Gouveia Machado  
Berenice Soares Bastos  
Maria Angela Mello  
Angela Alencar Neta  
Aurora Tabosa  
Jacyrá da Silva Câmara

. Grupo da Secretaria da Educação do Espírito Santo:

Maria da Glória Cunha  
Izette Pralon Santos  
Regina Lúcia Gianordoli  
Bernardete Gomes  
Gilvete Rodrigues Bastos  
Alda Sant'Anna  
Maria Tosta de Almeida

. Professôras da DAP-CRPE João Pinheiro Belo Horizonte:

Maria de Lourdes Almeida  
Elza de Bastos

. Secretárias das reuniões:

Martha Albuquerque (sessões da manhã)  
Eunice da Conceição Macedo Rosa (sessões da tarde).

. Secretária datilógrafa:

Laura Maria da Silva Maia

. Encarregada do parte administrativa:

Estolenita Maria Barreto Marques

. Contadores:

Walbert Burkhardt e Silva  
Elisnar Brito Vianna

. Desenhistas e decoradoras:

Leticia Barbosa Campos  
Helena Guimarães de Miranda

. Responsável pelos trabalhos mimeografados:

Lourdes Pinto Siqueira

	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA
9h às 10h 15m	<u>Discussão em grupo</u>  O Professor e o Currículo	<u>Sessão Plenária</u>  Apresentação dos problemas identificados Equipes: Pernambuco Espírito Santo
10h 15 10h 30	C A F É	
10h 30 às 12h	<u>Discussão em grupo</u>  A Supervisão e o Currículo	<u>Trabalho em grupo</u>  Medidas para o Implemento do Currículo
12h às 14h	A L M Ô Ç O	
14h às 15h 30m	<u>Trabalho em grupo</u>  Análise de Problemas Relacionados com o Currículo na Escola Primária	Continuação dos trabalhos
15h 30 15h 45	C A F É	
15h 45 às 17h 30m	Identificação dos problemas pelas equipes Prioridades	Apresentação do andamento do trabalho de cada equipe



As despesas com passageiros e estada dos participantes foram custeadas pelo INEP/EATEP, utilizando-se fundos do CONTAP num total de NCr\$ 10 049,50 (dez mil e quarenta e nove cruzeiros novos e cinquenta centavos),

assim distribuidos:

Passagens	8 Diárias (30% do sal. mínimo da GB).	Ajuda de custo	Outras despesas (materiais, serviços de terceiros, etc.)	Total
NCr\$	NCr\$	NCr\$	NCr\$	NCr\$
3.424,00	3.843,00	500,00	2.282,00	10.049,50

Durante a Semana, estiveram em exposição livros e materiais de orientação e planejamento, elaborados pelas Secretarias de Educação de Pernambuco e Espírito Santo.

Responsáveis pela elaboração dos materiais utilizados durante a Semana e pela condução das discussões sobre currículo e objetivos da escola primária: Maria Yvonne Atalécio de Araujo  
Edith Berner

### III- Desenvolvimento

Os trabalhos se desenvolveram de acordo com a agenda seguinte:

II Semana de Estudos EATEP

A G E N D A

	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA
9h às 10h 15m	<p align="center"><u>Sessão plenária</u></p> <p>Situação da Educação Primária no Brasil: Plano-Pilôto.</p> <p align="center"><u>Plano Pilôto nos Estados</u></p> <p>Apresentação do trabalho já realizado - equipes: Pernambuco, Espírito Santo.</p>	<p align="center"><u>Painel-Forum</u></p> <p>Currículo de Ontem e de Hoje</p> <p>Currículo - qualidade e organização das experiências</p>
10h 15 10h 30	C A F É	
10h 30 às 12 h	<p align="center"><u>Preleção-Forum</u></p> <p>Pontos Básicos do Currículo - apresentação - debate</p>	<p>Continuação dos trabalhos</p>
12 as 14h	A L M Ô Ç O	
14h às 15h 30m	<p align="center"><u>Painel-Forum</u></p> <p>Objetivos da Educação Primária no Brasil</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. objetivos gerais</li> <li>. objetivos do currículo</li> <li>. objetivos de ensino</li> </ul>	<p align="center"><u>Painel-Forum</u></p> <p>A Criança e o Currículo</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- conceito de prontidão</li> <li>- diferenças individuais</li> <li>- testes e avaliação</li> </ul> <p>- agrupamento</p> <p>- promoção</p>
15h 30 15h 45	C A F É	
15h 45 às 17h 30m	<p>Continuação dos trabalhos</p>	<p align="center"><u>Preleção-Forum</u></p> <p>Organização do Currículo da Primeira Série</p>

	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA
9h às 10h 15m	<u>Discussão em grupo</u>  O Professor e o Currículo	<u>Sessão Plenária</u>  Apresentação dos problemas identificados Equipes: Pernambuco Espírito Santo
10h 15 10h 30	C A F É	
10h 30 às 12h	<u>Discussão em grupo</u>  A Supervisão e o Currículo	<u>Trabalho em grupo</u>  Medidas para o Implimento do Currículo
12 às 14h	A L M O Ç O	
14h às 15h 30m	<u>Trabalho em grupo</u>  Análise de Problemas Relacionados com o Currículo na Escola Primária	Continuação dos trabalhos
15h 30 15h 45	C A F É	
15h 45 às 17h 30m	Identificação dos problemas pelas equipes Prioridades	Apresentação do andamento do trabalho de cada equipe

	SEXTA-FEIRA	SÁBADO
9h às 10h 15m	<u>Trabalho em grupo</u> Continuação do trabalho: Medidas para o Implantação do Currículo	Discussão das conclusões finais
10h 15 10h 30	C A F É	
10h 30 às 12h	Continuação dos trabalhos	Redação final
12 14h	A L M Ô Ç O	
14h às 15h 30m	Redação das conclusões de cada equipe	
15h 30 15h 45	C A F É	
15h 45 às 17h 30m	Apresentação das conclusões de cada equipe	

Os debates e o resumo das atividades de cada sessão encontram-se relatadas em anexo, fruto das anotações das Secretárias das sessões da manhã e da tarde.

Atividades extras:

Dia 26, terça-feira, das 20h às 23h:

Mesa redonda para discussão de problemas ligados à educação primária, sendo focalizados particularmente os fenômenos da evasão e repetência.

Participantes:

Emerson Nunes Coelho - Prof. de Filosofia da Educação-PUC e diretor de Divulgação da Cia. Hidroelétrica de Furnas.

Rinaldo De Lamare - Médico Pediatra e Presidente da Associação de Amparo à Criança.

Augusto Rodrigues - Desenhista, Caricaturista e Jornalista - Diretor da Escolinha de Arte do Brasil.

Maria Clara Machado - Artista, Autora e Diretora teatral.

Ziraldo Alves Pinto - Advogado, desenhista e jornalista.

Alexis Stepanenko - Sociólogo, pesquisador e membro da Equipe de Planejamento do Ensino Médio (Convênio MEC-USAID).

Dia 28, quinta-feira, às 18h

"Cocktail" em casa do Dr. Monroe D. Cohen, onde os grupos participantes da Semana tiveram oportunidade de encontrar outros educadores e de trocar idéias informalmente.

Dia 29, sexta-feira, às 15h

Visita da prof<sup>a</sup>. Anamira Barros Evangelista assessora da Coordenação Executiva e Encarregada do Setor de Bibliotecas da COLTED e de Miss Luella Keithanhn, da USAID, que falaram sobre o programa de livros didáticos e sobre os planos futuros da COLTED.

Conclusões:

A II Semana de Estudos INEP/DATEP deixou registradas, por seus participantes, as seguintes conclusões:

1- Análise dos problemas identificados durante a Semana e esquema do desenvolvimento das atividades do Plano Pilôto em Vitória e Recife.

2- Necessidade de:

- a- Situar o Plano Pilôto de Vitória na Secretaria da Educação;
- b- conscientizar o pessoal administrativo da Secretaria da Educação e das Escolas que participarão da experiência;
- c- levar o professor envolvido no Plano a sentir a importância de seu papel no contexto geral;
- d- reformular os currículos para torná-los adequados às crianças a que servirão;
- e- dar maior importância às artes e recreação;
- f- oferecer oportunidade às supervisoras e professoras para manifestação de idéias e sugestões que enriqueçam o currículo;
- g- levar o professor a conhecer o valor dos testes como diagnóstico, para melhor atendimento às necessidades de aprendizagem da criança;
- h- proceder ao levantamento do material já existente, relativo a testes de maturidade e de escolaridade, e providenciar a atualização e elaboração de novos.

3- Formação de hábitos e atitudes como princípio básico para a aprendizagem da criança.

4- O registro das diversas fases do Plano Pilôto será de importância primordial para apresentação dos resultados, no fim do ano, ao Sr. Secretário e ao Conselho Estadual de Educação.

5- Durante todo o desenrolar das atividades, as professoras das classes experimentais deverão sentir o apoio constante do Grupo da Secretaria e das Supervisoras para que não caia o ritmo do trabalho e não se perca o controle dos acontecimentos.

Finalmente:

No decorrer da semana foi patente não só o aproveitamento dos participantes, como também a compreensão da filosofia do Plano Pilôto e da responsabilidade de cada pessoa nele envolvida. Os dois grupos revelaram maturidade profissional, quer na apresentação e avaliação de trabalhos, quer na aceitação de sugestões para a melhoria de certas medidas.

Observações -

A nosso ver, constituíram fatores de êxito da Semana de Estudos os pontos seguintes:

1- A vinda à GB dos dois Grupos responsáveis pela execução do Plano Pilôto da EATEP em Vitória e Recife, os quais tiveram aqui melhores condições de trabalho, uma vez que não havia solicitações de outras atividades, como acontece quando os técnicos se reúnem nos seus locais de trabalho.

2- A oportunidade de os dois Grupos se reunirem para troca de experiências e planejamento conjunto.

3- O material preparado pelos técnicos da EATEP e que orientou o pensamento dos participantes e os debates em torno dos assuntos propostos.

Rio de Janeiro, 3 de abril de 1968.

*Lyra Paixão*

Lyra Paixão

Coordenadora Técnica da EATEP

RESUMO DAS ATIVIDADES  
DA  
II SEMANA DE ESTUDOS  
INEP/EATEP

*Arquivo*

*Grandes*

TEMA: OBJETIVOS DA ESCOLA PRIMÁRIA - CURRÍCULO E PLANO PILOTO DA EATEP

PERÍODO: 25 A 30 DE MARÇO DE 1968.

DIRETOR DO INEP:

DR. CARLOS CORRÊA MASCARO

TÉCNICAS DA EATEP:

PROF<sup>AS</sup>.

DIVA DE HOORA DINIZ COSTA

LYRA PAIXÃO

MARIA YVONNE ATAÍCIO DE ARAÚJO

MARÇO - 1968.



MEC/INEP/USAID

E.A.T.E.P.

Rua Voluntários da Pátria, 107 - Botafogo

II SEMANA DE ESTUDOS EATEP,  
PREPARADO POR EUNICE C. MACEDO ROSA

Ocorrências da sessão da manhã do dia 25 de março de 1968.

A coordenadora Lyra Paixão inicia os trabalhos da II Semana de Estudos desejando boas vindas a todos e em seguida faz a apresentação, primeiro do grupo de EATEP, formada de técnicos, brasileiros e americanos, depois, do grupo de participantes, profs. dos Estados de Pernambuco e Espírito Santo e duas de Minas, vindas da DAP, em B. Horizonte, Maria de Lourdes Almeida e Elza de Basto.

Com a palavra, Dr. Cohen tece considerações em torno do assunto - Avaliação e repetência, ponto nevrálgico do ensino no Brasil. Fala dos estudos relativos ao mesmo assunto, realizados em países latino-americanos e na Ásia. As medidas adotadas por esses países são as mesmas a que visa a EATEP.

A coordenadora enaltece o trabalho de Miss Rexner, uma das principais autoras dos documentos de estudo desta semana. Chama a atenção para a agenda do Seminário, e, informa que cada grupo contribuirá com sua experiência.

A EATEP apresentará trabalhos e planos que elaborou, visando ao debate e a orientação. Fôz um levantamento estatístico da situação educacional brasileira, enriquecido com novos estudos e entrevistas nos Estados que contam com Centros Regionais do INEP.

Como resultado, surgiu um esquema que, apresentado na III Conferência Nacional de Educação, em Salvador, 1967, transformou-se em folheto.

Em seguida a coordenadora passa à projeção dos dados estatísticos em que se baseou o Plano Piloto. São quadros diversos (15) que mostram bem a situação nacional. Os dois últimos enfocam a matrícula e fluxo dos alunos pelas séries escolares nos Estados de Minas, Pernambuco e E. Santo, participantes da semana.

Depois do pequeno intervalo, a supervisora Jacyra apresenta o trabalho realizado pelo grupo, de Pernambuco.

Faz primeiro um rápido histórico da situação anterior ao Plano que passa a ser o objeto da exposição. Reuniões diversas foram feitas para: escolher

duas supervisoras para o trabalho com 20 classes e as áreas de serviço; planejar a orientação para as supervisoras e delimitar-lhe a área de ação; apresentar o calendário de trabalho; estabelecer os dias em que as supervisoras receberiam orientação dos especialistas cujas áreas estão mais ligadas ao problema da evasão e repetência; esclarecer dúvidas sobre as fichas que serão aplicadas na 1ª série; discutir as áreas de maior incidência do problema em estudo; estudar o Plano, alguns levantamentos e a previsão orçamentária.

As dirigentes e professoras do Estado foram convidadas para apresentar problemas.

A coordenadora da EATEP considera o Plano de divulgação rápida, devido à estrutura da Secretaria e ao método de trabalho dos técnicos. Informa que, quanto às áreas de trabalho, não pensaram em crianças faveladas, mas em filhos de pais assalariados e que frequentavam escolas.

Surge perguntas sobre a situação em Pernambuco. Entre elas: as supervisoras têm curso especializado?

Sim. Uma voltou do RABARE e a outra tem curso da Secretaria da Educação.

As supervisoras ficarão à disposição do Plano; aliás todas as pessoas envolvidas no Plano permanecem com o trabalho da Divisão.

Terminada a apresentação do trabalho de Pernambuco, e dada a palavra às representantes do E. Santo.

Diva, técnica da EATEP, que vem orientando mais diretamente este Estado, diz que os trabalhos no E. Santo verificaram-se de maneira diferente de Pernambuco, já que partiram de uma pesquisa de avaliação do sistema do ensino primário.

A supervisora Maria da Glória afirma que, desde 1964, vem sendo feita a supervisão e cursos para treinamento de professores (inclusive leigos) e supervisoras. Procuraram a EATEP e em outubro iniciaram-se os trabalhos com a presença dos técnicos da EATEP - d. Diva e Dr. White. Formaram um grupo de 4 elementos, cujo primeiro passo foi encontrar-se com diretores de grupos e professores de 1ª série. Houve reuniões diversas para esclarecimentos vários da pesquisa e preenchimento das fichas para avaliação do sistema de ensino primário.

Distribuídas a todas as classes de 1ª série da capital, foram incluídas escolas estaduais, particulares e municipais. As professoras responderam a todas as perguntas e tomaram conhecimento da realidade brasileira que produziu nelas impacto e preocupação. Preenchidas as fichas foram encaminhadas ao Computador Eletrônico da Cia. do Vale do Rio Doce e trazidas posteriormente à Guanabara. O objetivo era pesquisar, a fim de serem escolhidas 20 turmas para a aplicação do Plano.

Com a reforma administrativa da Secretaria da Educação, foi criada a Divisão de Currículo e há plano de criar uma equipe com 3 membros para elaborar o currículo. Funcionará dentro na Secretaria, cuja primeira medida foi a criação do Serviço de Currículo e Supervisão.

Há 123 supervisoras distribuídas por 9 núcleos que recebem orientação de uma equipe central; dirigiam a princípio só as leigas, hoje as normalistas também. Anteriormente isso era feito pelas delegacias e através de boletins cuja penetração era por meio dos grupos escolares.

As supervisoras são formadas pelo INEP e continuarão com sua função de orientar, embora nos grupos seja formada uma equipe de orientação que é transmitida aos professores através dos diretores. Esta equipe de Divisão orienta nos grupos da capital e funciona paralela à equipe de Currículo e Supervisão que atua dentro da Secretaria de Educação.

Existe também a MOCA (Mobilização Cívica Contra o Analfabetismo), planejada e organizada pelo Governador, ex-professor do Estado. É composta de um Conselho formado de pessoas representativas (educação, clero e forças armadas), um conselheiro técnico e um coordenador. Dirigida por técnicos, possui vários setores. Cabe à EATEP a parte do programa que envolve o currículo, melhoria do ensino, etc.

A técnica Diva fala do trabalho exaustivo que tiveram para motivar o professor, a fim de compreender bem sua tarefa no preenchimento dos dados da ficha de avaliação do sistema de ensino.

Como as fichas do Serviço de Estatística da Educação e Cultura são preenchidas por professores leigos, a coordenadora Lyra Paixão se interessa em saber como os Estados trabalham na coleta de dados; como preparam os professores para isso. Afirma que a ficha da EATEP tem finalidade educativa, porque a professora ficará mais alerta para melhor conhecer o aluno.

Tarde de 25/3/1968

Maria de Lourdes fala da evasão e repetência em Minas, cujos dados estatísticos causam impacto nas professoras mineiras. Embora Minas não participe ainda do plano piloto, recebe ajuda da EATEP que apresenta causas da evasão e repetência e procura também solução para esse problema. Afirma que levará as experiências de Pernambuco e Espírito Santo as quais servirão de base para o trabalho mineiro. Considera imprescindível e urgente conscientizar o professor para que haja melhores resultados no ensino.

Em Minas, continua ela, concluiu-se que um ano não basta para alfabetizar, sobretudo considerando-se que há um programa único para todas as crianças. Iniciam-se, como boa medida, classes experimentais, ou preliminares, para crianças de 7 e 8 anos e que já frequentaram o 1º ano e não foram alfabetizadas. Não há, porém um programa predeterminado e a experiência da professora é de grande valia, além da ajuda da orientadora.

Realizaram-se também em Minas jornadas pedagógicas com resultados deficientes, porque muito corridas.

Em seguida, Lourdes Zala do Grupo Escolar Júlia Kabitschek, situado na capital mineira e onde fizeram uma experiência de promoção progressiva. Puseram em uma classe os alunos mais fracos do 1º ano. Fizeram um trabalho preparatório com a professora, que procurou conhecer primeiro seus alunos, antes de começar a desenvolver um programa especial que lhe deram. Embora os alunos não passassem de ano, apresentaram resultados considerados muito bons ao final do ano. Duas outras classes tiveram seus alunos promovidos, apesar de alguns não terem vencido todo o programa.

Agora as supervisoras não trabalham mais diretamente com professoras mas com as orientadoras.

Elza, mineira também, passa a falar do curso de verão cujo objetivo é reforçar linguagem e aritmética. Reforçam-se ciências naturais e estudos sociais quando isto se faz oportuno. O curso destina-se à 1ª série.

Em seguida, d. Lyra fala de um trabalho simples da BATER sobre "Currículo" cujos pontos básicos d. Yvonne passa a apresentar, destacando: 1) fatores internos; 2) fundamentação de uma hipótese geral (variáveis); 3) medidas que a hipótese geral pressupõe; 4) etapas para atingir o plano ideal; 5) o currículo no ensino primário, dentro do plano BATER; 6) volta aos fatores que podem melhorar o sistema escolar (fatores internos); 7) interação de fatores internos que mostram o entrosamento determinante do sucesso escolar; 8) fatores que condicionam o currículo: criança, sociedade, aprendizagem.

Partindo desses elementos, prossegue d. Yvonne, um currículo deve ter como objetivo produzir mudanças no comportamento da criança, em favor do seu desenvolvimento pessoal e em função da sociedade. A escola deve estar cheia de experiências que devam ser aproveitadas de acordo com o nível e maturidade da criança. Um currículo é formado de matérias. Seria possível uma reforma em unidades mais significativas? pergunta ela. Um currículo não funciona isolado, precisa de outras áreas para melhorar o fluxo dos alunos, isto é, preparação do professor, administração, supervisão, material.

De volta ao tema inicial - currículo - temos o professor e o aluno. Que esperanças do professor? Que ele desenvolva habilidades do aluno, considerando-lhe a maturidade, as limitações, enfim que a estruturação seja bem organizada.

Como podemos influir nos elementos que constituem pontos de estrangulamento do fluxo escolar, pergunta D. Yvonne, pede sugestões para isso, afirmando que o assunto será desenvolvido durante a semana quando serão feitas adaptações às escolas e aos tipos de alunos. Para Jacira só a prática poderá determinar alterações; haverá, porém, flexibilidade nas classes em Pernambuco e mesmo no Espírito Santo. Acha os programas enciclopédicos e em elevado nível de exigências.

D. Yvonne fala da agenda e pensa na possibilidade de interrelacionar as disciplinas iguais, mas sob a direção de orientadores diferentes. O objetivo é dar à professora uma visão de conjunto. São idéias para serem ainda discutidas a fim de ajudar as professoras.

Jacira, falando de Pernambuco, explica não só a organização de estudos sociais em níveis, mas também a matemática e a linguagem, quando relacionadas. Em cada área, porém, há um conteúdo específico, afirma. No Espírito Santo, como na não haja nada sobre isso; pretende organizar níveis de aprendizagem, diz Maria da Glória. Sentem as supervisoras que tudo depende do preparo do professor. Para D. Yvonne haveria um currículo básico que trataria a matéria essencial; esse mesmo currículo seria enriquecido para crianças bem dotadas. Maria da Glória põe, novamente em relevo, a necessidade da boa formação do professor, no momento, deficiente para nós. D. Irya afirma que vamos ajudar primeiro o professor em serviço, para, assim, a criança ir sendo preparada devidamente. Ver, pois, se o currículo atende às necessidades da sociedade, às aspirações dela, para chegar depois ao professor ainda em preparo, em formação. Espírito Santo pretende aproveitar essas idéias, porque ainda vai, organizar seu currículo. Para Pernambuco não é possível, o currículo já foi elaborado.

D. Diva lê o trabalho da UNICEF: "Objetivos da Educação" baseado na Constituição Brasileira e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Traz algumas considerações em torno do bem-estar do nosso povo e de um povo subdesenvolvido. Afirma que os objetivos levam sempre ao mesmo fim, quer se refiram ao país, quer a um cidadão. Inúmeras são as habilidades que a escola primária deve desenvolver, porém básico é o currículo vida de uma escola. Imprescindível, portanto, conscientizar o professor do que deve ser feito. Levá-lo a relacionar os objetivos da educação com sua vida diária, com seu trabalho que deve ser a busca do bem-estar econômico, social e físico para um povo. Qual, pois, a contribuição que deve dar cada professor? Qual a relação entre nosso ponto de vista e os dos Estados? Para as mineiras é preciso estudar muito. Para as pernambucanas a formação se encontra na "descida até o professor" que não sente a necessidade

dos objetivos da escola. Seu pensamento consiste em promover o aluno, diz Berenice. Jacira considera básico viver os objetivos. Afirma que o professor se perde no todo. Maria da Glória enfatiza a necessidade de conscientização do professor. D. Diva indaga se, em Pernambuco, a professora entende os objetivos do currículo. Falta uma orientação para o professor primário, diz d. Lira. Estamos trabalhando para orientá-lo, pois há um enorme desgaste cuja produção está muito aquém do resultado esperado. D. Yvonne pergunta pelo papel do professor nessa problemática. Consciente dos objetivos, como passará a ensinar? Conseguirá resultados melhores? A aprendizagem se tornará mais fácil? A transferência da aprendizagem é básica e constitui um problema crucial. Dar atenção à conversa de aluno é perder tempo, portanto o programa que deve ser desenvolvido é astronômico, pensa o professor.

Ângela fala da preocupação do supervisor que não dialoga com o professor que precisa ser despertado para a realidade.

De tudo isso concluímos, então, que o professor conscientizado da realidade mais positivas, esclarece d. Lynn. Preparar bem a professora de 1º ano, antes de dar-lhe uma classe, diz Maria de Lourdes. Há necessidades sociais verdadeiras impondo condições que constituem as diretrizes do ensino. Os objetivos visados representam, por outro lado, bases para avaliação, considera d. Yvonne. Como iniciar o professor na conscientização de seu dever? pergunta M. de Lourdes.

Como conclusão d. Yvonne indaga: "Que pode fazer cada grupo? E lança perguntas para fazer com que raciocinem: Como é o nosso currículo? Como encara os objetivos? Precisa de adequação? Como conscientizar o professor quanto a esses objetivos? Como iria trabalhar o supervisor? Regina (do E. Santo) acha que os cursos para supervisores são incompletos, falhos, não dão meios aos alunos para se tornarem conscientes da nossa situação, porque estão preocupados com o excesso de matéria para estudar. Deviam, no entanto conhecer nossa realidade para depois planejarem o trabalho.

D. Lira defende quem dá curso. A verdade é que as alunas não recebem depois mais orientação, nem há encontros para estudos. Aláido mostra que isso vem sendo feito em Pernambuco onde elas partem para observar unidades escolares e ajudar no que for necessário, durante 15 dias. O resultado em vista é obter subsídios para fundamentar a orientação depois às professoras.

Manhã de 26/3/68

Feita a projeção dos quadros - Mudanças que se processam no currículo e no ensino - a técnica Maria Yvonne fala, numa linguagem acessível, do interês se da RAATEP em levar inovações às professoras. Essas mudanças referem-se às técnicas e à mentalidade do professor, pois, alterando-lhe a maneira de pensar, êle modificará sua conduta na maneira de ensinar. As projeções mostram as diferenças entre os currículos tradicional e moderno.

O quadro nº 1 mostra os, objetivos de ontem que valorizavam a matéria em si mesma ensinando a ler, escrever e contar, por meio da memorização de fatos. Apenas adestravam-se os alunos para testes e provas.

O quadro nº 2 mostra objetivos pessoais e sociais mais abrangentes do currículo de hoje que

- 1) dá capacidade de participação ativa na sociedade;
- 2) auto-realização;
- 3) conhecimentos essenciais e
- 4) desenvolve habilidades básicas.

É preciso que as equipes mantenham um intercâmbio para estudar como atin gir êsses objetivos, porque não se pode admitir hoje uma dissociação entre a cultura geral e a maturidade social, continua a técnica Maria Yvonne. Além disso, as diversas áreas devem contribuir para o desenvolvimento das habilidades básicas e aquisição de conhecimentos essenciais.

O quadro nº 3 fala do conteúdo tradicional do currículo. Na 1ª série o professor fica muito preso à alfabetização e sobrecarrega a criança com letras, sons, etc.

É preciso levá-la a compreender o que leu, enfim dar-lhe meio para sair do conteúdo tradicional para um conteúdo funcional, assunto do quadro nº 4. Interessar a criança em relação ao objetivo final de seu esforço, por exemplo, sobre criar um envelope, ao invés de juntar letras sem uma finalidade.

A Escola Parque e as Escolas de Demonstração dos Centros Regionais dão ênfase a essas atividades de socialização, diz a coordenadora da RAATEP, mas infelizmente elas não são divulgadas.

Lourdes expõe sobre a reformulação dos cursos ministrados na DAP, onde se procura conceituar a escola primária e o papel da matéria dentro do seu todo. Fala dos gráficos aqui apresentados, subsídios para os cursos gerais de lá. Admi te a crítica aos futuros cursos, o que d. Lyra afirma ser uma atitude em relação ao problema. Continuando a coordenadora diz que o PARANE foi fundado para aperfeiçoar especialistas, mas na verdade êles não existiam e sentimos a necessidade de ministrar cursos gerais e de formação.

Os membros da EATEP, depois de um ano de trabalho, concluíram que as professoras precisam conhecer as idéias básicas da educação brasileira, os resultados, enfim, de todos os trabalhos sobre educação. Assim, ela procura divulgar o que foi feito e colaborar no trabalho. Daí o Plano Piloto.

O quadro nº 5 mostra a ênfase que era dada a autoridade do professor que não tinha tempo de ouvir o aluno, já que era esgotado o conteúdo que devia transmitir.

Para d. Iyza isso reflete nossa cultura, o lar, onde a criança não tem direito de participar de quase nada.

Em seguida falam dos interesses e tipos vários de cultura entre as crianças, sejam da capital, sejam do interior.

O quadro nº 6 mostra que hoje não anulamos o papel do professor, mas há um equilíbrio. Ele e a pessoa que dirige, orienta e dá as diretrizes do processo de aprendizagem.

O quadro nº 7 mostra a supervalorização da memória. Embora seja importante treiná-la, é prejudicial quando excessivo êsse treino.

Hoje procura-se o desenvolvimento de "insights", de processos de pensamento e de hábitos de estudo. Os objetivos determinam os processos de aprendizagem. Cuida-se do problema do livro para a criança que não tem onde estudar.

O quadro nº 8 mostra que ontem a aquisição de conhecimentos era através de uma só fonte: o mesmo livro.

O quadro nº 9 mostra recursos múltiplos de aprendizagem e fontes várias de referências que hoje possuímos. O material de ensino era, antes desatualizado e pouco funcional.

O quadro nº 10 demonstra que hoje o material é organizado dentro de princípios psicológicos e adequados a uma finalidade.

O quadro nº 11 demonstra que antigamente os padrões de aproveitamento eram os mesmos para todas as crianças.

O quadro nº 12 demonstra que hoje êsses padrões estão de acordo com a capacidade individual da criança.

O quadro nº 13 dá uma visão de conjunto das mudanças que se processam no currículo.

Na segunda parte da reunião houve debate sobre a orientação que se deve dar ao professor, sobre os objetivos do currículo e a aplicação de princípios que visam a conscientizar o professor, elevar-lhe o nível cultural e pedagógico, a fim de desempenhar melhor sua missão, e resolver bem seus problemas profissionais. Para se obter isso é imprescindível que o supervisor seja também preparado



para a função que vai exercer, orientar os professores.

Em seguida falamos do aspecto da comunicação entre o aluno e o professor; da diferença entre programa e currículo. Currículo é o vida na escola e precisa, atender aos interesses da criança. Daí ser necessário o professor transformar o que aprendeu em comunicação direta e aproveitar, inclusive, a experiência alheia.

A aprendizagem não se dá de uma forma única, segundo M. Yvonne. Apesar das diferenças de apresentação do assunto, o aluno vai descobrir, com o tempo uma constante, um princípio; haverá uma interação e o processo é que dá a experiência da aprendizagem.

Aproveitar os recursos humanos e de ambiente. Fazer que os pais e as autoridades participem do trabalho da escola que não caminha sozinha. Conscientizar, portanto, os pais também.

Embora o currículo possa ser dado diferente, as orientadoras poderiam reorganizar a matéria, partindo de um conteúdo objetivo. Essa globalização admite correlações muito interessantes.

Em seguida é feita a projeção de um quadro, no retrovisor com uma visão geral de atividades correlatas e uma proporção dessas atividades que vão diminuindo à medida que aumenta a maturidade.

Tarde de 26/3/68

## II Semana de Estudos FATEP

D. Lyra, falando da necessidade do material que motiva o professor, afirma que a USAID o tem e muito interessante para quase todos os setores do ensino. São filmes excelentes. Avisa que às 20 h. haverá uma mesa redonda para focalizar - evasão e repetência e contará com a presença de pessoas bem entendidas no assunto.

Em seguida passam à discussão sobre como levar a professora a pesquisar, ainda que não seja uma pesquisa científica. Segundo a agenda, o assunto hoje seria outro dia d. Yvonne. Vamos tratar, porém, dos elementos básicos do currículo: aluno e professor. Que espécie de alunos teremos? E Jacira expõe a situação em Pernambuco: Deverão pertencer a mesma área geográfica onde seja fácil o acesso para uma supervisora, e ao nível-sócio-econômico baixo. São crianças desfavorecidas, mas não faveladas. Na catorze escolas serão escolhidas vinte classes de 1ª série, dependendo de o professor querer a experiência. Vão pesquisar agora a condição dos pais das crianças. Se benéfico o resultado da turma em experiência, estender-se-á

o plano piloto a todo o grupo porquanto as diretoras se interessam por êle. O trabalho será divulgado. Dr. Yvonne acha necessária essa divulgação para mostrar, sobretudo, os aspectos gerais.

Com relação ao Espírito Santo, Zala Maria da Glória. A seleção das crianças será feita entre aquelas de nível sócio-econômico misto, tendendo mais para o baixo, pois é raro o nível médio com tendências para o nível alto. Já estão pesquisando. Escolheram vinte e cinco grupos. Encontraram muitas dificuldades; entre elas o problema dos quatro turnos e o dos grupos anexos e as associações sob a orientação de Padres e Irmãs.

Os dois Estados escolheram níveis diferentes e isto é melhor ainda, porque, no fim de um ano de trabalho, será possível verificar o currículo adequado aos vários níveis de crianças, conclui d. Yvonne.

Prosseguindo no estudo sobre o aluno, voltam-se as atenções agora para a prontidão. Como as crianças chegam a 2º série? De acordo com os testes aplicados no Espírito Santo, o maior índice de deficiências verifica-se em relação à saúde, à revolta pelo local de residência - a maioria é do norte - e a ausência de memória visual. Esta situação é observada também no interior, cuja falta de recursos agrava ainda mais o problema da escola. Concluindo: achar que não há, portanto, prontidão.

Qual a melhor maneira para melhorar as deficiências? E, numa visão rápida e direta das dificuldades escolares, as supervisoras ora de um, ora de outro Estado sugerem equipar nossas escolas com material e alimentação, cuidar da saúde. Em casa as crianças não têm carinho além de tudo o que já foi aqui exposto. Verifica-se que na aculturação está a chave de tudo e a linguagem que permite a comunicação efetiva entre o professor e o aluno precisa ser bem cuidada. O professor precisa sentir a situação do aluno e procurar melhorá-la. Que oferecer à criança quando ela entra para a escola? É imprescindível tudo fazer para formar nela atitudes, hábitos, habilidades, caráter, mudar-lhe a conduta. Concluindo, d. Yvonne afirma que atuam fatores externos e internos na educação da criança. Para exemplificar o fator aculturação, Dr. Cohen, da USAID, fala de crianças de meio desfavorecido nos Estados Unidos. São crianças diferentes culturalmente, mas dotadas de uma cultura. Aceitá-las como vêm, com sua cultura diferente, sua linguagem, para depois melhorar o que for possível. A linguagem é o fator específico que deve ser reestruturado.

Em prosseguimento, d. Yvonne pergunta que outras deficiências são cruciais, além da aculturação? Onde estão as crianças e onde gostaríamos que estivessem quando as recebermos para começar nosso trabalho? Como organizar

uma comunicação efetiva entre o professor e o grupo que ele tem? Para Ángela interessante seria aproveitar as experiências das crianças e reorganizá-las, já que os orientadores vão preparar unidades de assunto. Como o fariam? Sugerindo temas para convênios; aproveitar, por exemplo o ambiente físico e enciclonal da sala. Verificar o nível de aquisição da classe a fim de saber em que trabalhar. E para medir o grau de prontidão dos alunos, usar testes de cuja aplicação as supervisoras passam a falar.

Aurora diz que, no Espírito Santo, para conhecer as crianças as diretoras distribuem os alunos segundo a ordem da matrícula. Não são testados, salvo se a professora quiser aplicar o teste do losango.

Em Pernambuco, a falta de preparação do professor impediu a aplicação, pois o teste não exerceria, sua função, já que o professor não sabe interpretar-lo. A observação da professora é que serviria para verificar o desenvolvimento da linguagem infantil e as medidas que visam resolver os problemas diversos de cada lugar.

Tratam agora da aprendizagem da leitura. Poder-se-ia aproveitar o trabalho de d. Maria Yvonne "Agrupamento Interclasses" para se obter um rendimento melhor na leitura. E passam a debater os prós e os contras do trabalho. Concluem que ele pode apresentar bons resultados. Para Maria de Lourdes só falta condicionar o professor e catequisar também os diretores e seus auxiliares para bem aceitarem os supervisores que visam explicar as possibilidades do plano.

Depois de falarem da seleção de crianças para o plano piloto, da prontidão das crianças e da aprendizagem da leitura, chegam à promoção. Seria progressiva desde a 1ª série. Os testes mostrariam o que as crianças aprenderam durante o ano e onde começariam o trabalho no ano seguinte. Ainda fala da promoção progressiva em seu Estado, o Esp. Santo. Encontraram resistência porque não houve uma preparação a respeito do plano. São todas unânimes quanto ao avanço da criança na escola de acordo com suas possibilidades e concluem que a promoção progressiva é uma consequência.

D. Yvonne lança perguntas: "Como organizar o currículo da 1ª série, ou reorganizar o já existente? Como reestruturar um programa de 1º ano, aproveitando todas as áreas? E distribui um questionário que as supervisoras passam a responder, divididas em grupo.

Manhã do dia 27/3/68.

A técnica Maria Yvonne fala das áreas que servem de apoio ao currículo: Administração, Formação, Supervisão e Material, e afirma que a escola e a sociedade formam um núcleo que não pode ser dissociado. É preciso atualizar o professor, situá-lo em termos de uma nova filosofia educacional.

Isso é um desafio a orientação e à supervisão, conclui d. Lyra.

A supervisora terá de trabalhar muito para modificar os processos usados pela professora e evidenciar o material a empregar. Que material seria esse? Como selecioná-lo? Se não for possível mudar o livro talvez o processo pode ser alterado. Através de uma sondagem entre as professoras de 1º ano, dar-lhe um material melhor, aproveitar o que se tem e fazer uma adaptação da cartilha adotada tudo, porém sem imposição.

A matemática tem tido melhor aceitação que a linguagem.

Para facilitar o trabalho do professor, pode-se pensar numa reestruturação do conteúdo do currículo, surgindo assim o processo de trabalho.

Surgem perguntas várias relativas à supervisão: Poderá ela mudar o pensamento do professor? Como, de maneira simples dar à professora uma visão global da educação? Como levá-la a uma estrutura total da experiência, visualizando-a em todas as suas etapas? Como vêem vocês o trabalho da supervisão neste plano? Que planejamento farão "in-service"? Como explicar a professora a continuidade do progresso da criança e não progresso em conteúdo?

Tarde de 27/3/68

D. Yvonne inicia os trabalhos com ligeiro comentário vocabular a respeito do trabalho "Seleção e Utilização do Livro texto" e volta-se para o trabalho das Supervisoras que respondiam a um questionário. Pergunta se elas acham necessário algumas mudanças no questionário para se obter um retro-alimentação maior entre as equipes diversas. Essas alterações serão transmitidas às supervisoras para que organizem novas estruturas do plano de ensino.

Afirma que juntas estão formulando uma hipótese e quer saber se isso é importante em nosso plano. Como levar a professora a ter uma visão geral do problema?

Explica ser a supervisora responsável pelo trabalho da professora.

Como dar-lhe uma visão global dessa nova estrutura ? pergunta. Lourdes acha que é preciso tempo para estudar, encontros para trocar idéias cursos de férias para professores. Jacira faz restrição aos cursos, ou melhor, tem duas vidas quanto à possibilidade de serem realizados.

Acarretariam problemas orçamentários. Concluem que o professor precisa estar esclarecido antes de começar seu trabalho, envolver-se nêle e conhecê-lo as causas.

D. Yvonne indaga se as supervisoras que vão trabalhar com êsse plano são em número suficiente. E diz que, até aqui, vimos o professor, o aluno, o currículo e áreas que atuam para melhorar o ensino (administração, supervisão preparação do professor). Agora d. Edith, apresenta um "Guia para Análise do Currículo". As participantes da semana vão ser divididas em dois grupos para debates e deverão apresentar depois as conclusões.

----- X -----

Comentários em torno do debate sobre

"A situação da educação primária no Brasil", tema da mesa redonda do dia 26/3/68, às 20 horas.

Participantes: Emerson Nunes Coelho  
Maria Clara Jacob Machado  
Ziraldo Alves Pinto  
Augusto Rodrigues  
Dr. Rinaldo Delamare  
Dr. Alois Stepanenko

Com a fala do Dr. Rinaldo Delamare sobre o problema da desnutrição entre as crianças brasileiras, veio a baila o tema da merenda escolar. Com êle surgem problemas como: 1) a distribuição deve ser gratuita ? 2) a merenda escolar deve fazer parte do currículo sob a forma de Educação Alimentar, ou constituir uma atribuição da escola ?

Muitos consideram-na obrigação da escola, sobretudo lembrando que, não raro, o aluno passa grande parte do tempo na escola. Além disso, contribui para diminuir a evasão na escola. Não constitui objetivo da escola, mas

em países como o nosso a escola precisa satisfazer a êsse interesse da criança. Rever como se faz essa dívida. Apresentar as coisas de modo que a comunidade tenha noção de responsabilidade. É preciso mudar nossa mentalidade, nossa estrutura social que tem idéias paternalistas, e formar o cidadão disposto a enfrentar a luta do futuro. Educar a criança em matéria de nutrição, de paladar que é cultura.

Maria Clara criticou o aspecto livresco existente na escola que se limita às salas de aula, enquanto há tanta possibilidade para levar o aluno à natureza. Destacar a arte, a expressão. A escola brasileira precisa entender a expressão; infelizmente muitos professores não sabem interpretar os currículos.

----- X -----

Manhã do dia 28/3/68

A primeira parte da reunião destina-se a estudo em grupo, sobre o trabalho: "Guia para análise de problemas relacionados com o currículo na escola primária."

Cabe à segunda parte a apresentação dos problemas identificados pelas equipes de Pernambuco e E. Santo, e o início dos debates sobre o assunto.

As congressistas esclareceram ter considerado em suas respostas ao questionário apresentado o conceito de currículo, sua organização, vivência e avaliação.

Como, não raro, houve dificuldade para interpretar o texto, foram sugeridas algumas mudanças na redação, idéia bem acolhida pela coordenadora e técnicas da FATEP.

Mrs Berner diz que o questionário não foi feito para o nível da professora primária, mas para o da supervisora e orientadora. Observou muitas vezes que a escola brasileira exige mais do que a criança precisa para seu desenvolvimento.

O propósito deste questionário, continua Mrs Berner, foi sondar o que há no programa e ver, futuramente, as possibilidades econômicas da extensão da escolaridade.

Terça de 28/3/68

Na sede da USAID são exibidos filmes sobre recursos audiovisuais de linguagens, Matemática e o bom emprego do quadro negro.

Em seguida dr. Howard Leavitt, Chefe do Serviço de Pesquisas da USAID, dirige a palavra às supervisoras e equipe da RATEP. Desculpa-se por seu português e sente-se honrado por falar de trabalhos de pesquisa, destacando a importância de o professor fazê-la na própria sala. Apresenta um quadro estatístico sobre a repetência na escola primária e mostra uma geração que foi estudada durante vinte anos. Afirma que não interessam os dados, mas o processo empregado. Somente 6% dos alunos em estudo chegaram à 4ª série sem repetir ano.

Não observaram a evasão neste quadro e dr. Howard acha que cada professora deveria observá-la, em relação aos próprios alunos, interessando-se por saber quem voltou ou não para repetir a série. Ignoramos o que acontece com os que se evadem. Considera isso um trabalho que não exige pesquisa elaborada. Cada professora poderia verificar com seus diretores a evasão que houve em sua turma. É uma pesquisa que desperta o interesse da professora para os problemas de seus alunos.

D. Lyra faz comentário em torno de uma ficha que as professoras de 1º ano dos Estados participantes desta semana deverão preencher. Essa ficha trará pormenores muito interessantes sobre as causas da evasão e da repetência. Viria completar, portanto, um dos trabalhos da RATEP - Fluxo dos alunos na escola primária, sobre o qual D. Lyra teve considerações. D. Diva afirma que a ficha não traz o tempo que um aluno gasta para fazer seu curso, daí a dificuldade para avaliar-lhe o custo.

Maria de Lourdes explica o processo de classificação dos alunos em Minas.

Quarta do dia 29/3/68

Continuam os debates dos problemas identificados sobre o "Guia para a análise de problemas relacionados com o currículo na escola primária".

Falam da falta de dados para esclarecer itens do questionário e da necessidade de pesquisa e de uma coleta racional de elementos, de situações ligadas à escola. Há experiências várias que não são nem documentadas, e o intercâmbio entre mestres, é muito importante para o enriquecimento mútuo quanto aos processos empregados com êxito em relação à aprendizagem.

A supervisora encontra muita dificuldade em seu trabalho que abrange às vezes muitas escolas, além de, até o ano passado, nem observar na sala de aula os aspectos do processo da aprendizagem. Sugerem que o Plano Piloto limite sua área geográfica para conseguir uma experiência mais concentrada, o que o E.Santo já está fazendo.

Discutem o problema da promoção do aluno e de medidas administrativas que prejudicam o ensino, como aquela que promove a professora de acordo com a promoção que ela apresenta de seus alunos.

Apontam, afinal, falhas da administração geral leiga como incremento à formação urgente de técnicos. Destacam a necessidade de se escolarizar o professor também quanto à situação educacional brasileira, através da legislação vigente, o que o capacitaria para reivindicar os direitos da escola. Infelizmente concluímos que as escolas normais não dão formação profissional, não preparam para ensinar bem. É preciso pensar na criança, dar-lhe estímulo e ensinar-lhe que ela vai viver numa sociedade competitiva. É muito interessante a criança auto-avaliar-se.

Taxido de 29/3/68.

D. Yvonne apresenta Maria de Lourdes, de Minas, para que ela fale do trabalho: "Como é a vida na escola". Para facilitar-lhe o trabalho apresenta um guia de currículo que ajuda muito a professora. Destaca primeiro a necessidade de formar na criança habilidades de linguagem, aritmética e ciências. Em seguida apresenta uma unidade de trabalho cujo conteúdo conduz aos objetivos. Com a ajuda de filas, resalta agora as atividades para desenvolver o conteúdo de um programa. Pode-se tomar um tópico de cada vez, usando uma ou duas atividades. Vem depois a fixação e a avaliação ou verificação.



D. Lyra acha importante esse trabalho em unidades para conscientizar o professor e mostrar-lhe a interdependência das pessoas na escola. Ângela fala da conscientização do professor. Jaciza pergunta a Lourdes pela matemática que não apareceu no trabalho dela. A resposta é no sentido de que ela entrará somente na aplicação. D. Yvonne explica haver uma seqüência nas habilidades, uma sistematização, ressaltando-se a leitura e mesmo a gramática, quando precisa ser, à parte, sistematizada.

Elza mostra outro quadro referente ao mesmo trabalho.

Aurora fala de como a matemática poderia ser estudada e d. Lyra ressaltou-lhe a importância no mundo moderno. Elza diz que ela seria estudada à parte embora não tenha sido destacada neste trabalho.

Com a chegada de d. Anamira Barros Evangelista, Assessora da Coordenação Executiva e Encarregada do Setor de Bibliotecas da Colted, d. Lyra passou-lhe a palavra, para que ela fale do programa de livros didáticos e sobre os planos futuros da Colted. Prefere que lhe façam perguntas. Considera fraca a divulgação da Colted feita em Minas e pergunta, para obter um trabalho mais eficiente, como agir junto ao Sr. Secretário de Educação. Lourdes sugere oficializar no Serviço de Difusão Cultural daquela Secretaria. Para se tornar conhecida a Comissão de Livro Técnico e Didático, d. Anamira apresenta um rápido histórico sobre essa organização e seu funcionamento.

Criada em março de 1966, com seis funcionários do Ministério da Educação, resulta de um convênio MEC-USAID. Tem um diretor executivo, Dr. Rui Enlendaque, e funciona à Rua Almirante Barroso.

Dr. Nelson Franco oficiou aos Secretários de Educação pedindo-lhes o número de escolas de nível primário, secundário e superior.

A COLTED tem como objetivo incentivar o ensino através de livros destinados às crianças. Na 1ª fase foram distribuídas 6.000 bibliotecas para o nível primário. Para selecionar esses livros, formou-se uma equipe com elementos do INEP e FANP. A Colted cabe a compra e a distribuição. Como critério de escolha das escolas vêm primeiro as estaduais e municipais, depois as particulares. Afirma que a entrega de livros depende da chegada da relação das escolas. No princípio faltou experiência à Colted cuja estrutura está sendo feita agora.

Jacira reclama para o Centro de Treinamento de Pernambuco a biblioteca que iria para lá. Vão receber uma de nível primário, diz d. Anamira, porque as listas de escolas não são bem feitas. Jacira insiste no pedido e indaga se a diretora de uma escola do Centro não o poderia fazer. Só cabe ao secretário, eis a resposta de d. Anamira que diz ter acabado o plano de bibliotecas cujos livros da 2ª etapa, do nível primário, já foram enviados. Em seguida d. Diva pede explicação sobre a dinâmica da Colted. Segundo d. Anamira o primeiro plano era mandar os livros e numa segunda fase dá-los ao aluno, quer tenha recebido coleção, quer não.

Estão sendo criadas as Comissões Estaduais do Livro Técnico e Didático (Colteda) cuja aprovação depende dos currículos das Secretarias. As Coltedas estão trabalhando para obter o que querem. Faz agora a leitura dos objetivos da Colted. O diretor acha que a Colted deve dar o livro pedido pelo professor, já que ela não tem elementos para um estudo melhor dos livros. Teme que o professor não saiba trabalhar com o livro enviado. Quer atender o professor. Se grande o pedido do livro, poderia chamar o autor e editor para uma atualização. Pode para pensar nisso. As opiniões são unânimes em afirmar que se deve atender à indicação feita. Caso contrário teria sido inútil a Semana de Estudos Colted, realizada em S. Paulo. D. Anamira diz que a Comissão Regional apurará os melhores livros e enviará essa relação para a Comissão Nacional.

D. Lyra fala da importância das ciências naturais que a Colted não incluiu em sua lista. D. Anamira admite que foi por esquecimento. Parte de Maria de Lourdes uma excelente sugestão, muito apoiada por todas as participantes da semana de estudos, é no sentido de que os livros sejam doados não aos alunos mas à escola que lhes emprestaria; isto viria aumentar o número de livros da biblioteca enriquecendo-a cada vez mais.

Para d. Anamira o assunto é das Coltedas. Ela pergunta ainda como poderia ser tirada das mãos dos Secretários de Educação a organização das Coltedas para ser evitada a influência política. As Coltedas devem contar com elementos capazes, pertencentes aos três níveis de ensino e ainda um membro do (ministério ou Colted?)

Em prosseguimento Miss Luella Keithanh da USAID fala também da Colted. Dr. Péricles vem cumprimentar o grupo pelo trabalho que realizou durante a semana.

Finalmente, d. Yvonne explica, em linhas gerais, o trabalho "O papel do currículo no implemto do Plano Piloto". Partindo das idéias aí expostas, as participantes da semana planejam o currículo em seus Estados.

Manhã de dia 30/3/68

Finalizando os trabalhos da semana, as equipes de Pernambuco e Espírito Santo apresentam os problemas identificados e as conclusões a que chegaram sobre

o "Guia para análise de problemas relacionados com o currículo na escola primária."

Salientar a necessidade de conscientizar o professor sobre sua situação funcional e métodos de aprendizagem. Conteúdo muito extenso traz ansiedade à professora. Também a supervisora precisa ter bom conhecimento do conteúdo e entrar em contato com as orientadoras.

Desejam que o Plano Piloto seja iniciativa das Secretarias de Educação. Segundo d. Lyra a EATEP está procurando os Estados que englobem o Plano em suas Secretarias. Esse Plano visa a ajudar a criança em seus estudos, da 1ª a 5ª série, com o mínimo de reprovações, ou evasão.

Em seguida falam do currículo e conteúdo: Matemática, Estudos Sociais e Ciências e Práticas Educativas; dão especial atenção a Jogos e Recreação. A recreação sistematizada possibilita à criança participar da vida da sociedade. Conscientizar as professoras e autoridades do valor da recreação e jogos que podem também ser usados como recurso de fixação. Além disso, desenvolvem a capacidade de iniciativa e de decisão.

É preciso avaliar para melhorar os processos. Usar os testes usados para a avaliação. Aproveitar o resultado das provas como avaliação dinâmica.

É imprescindível a comunicação em todos os níveis (professores, administradores, criança), porque a educação é um problema de todos.

Terminando, a coordenadora da EATEP resalta a atitude profissional do grupo de participantes, verdadeiros líderes. Destaca ser preciso: que os supervisores, não se preocupam somente com a matéria, mas vivem ao desenvolvimento da criança; registrar os acontecimentos pedagógicos e administrativos, mostrar que as despesas de custo do Plano não são tão grandes; fazer avaliação; dar apoio constante ao professor; evidenciar o desenvolvimento da criança através do caso.

Rio de Janeiro, março de 1968.

*Emmice da Conceição Macedo Rocha*  
Emmice da Conceição Macedo Rocha

RELATÓRIO DA III SEMANA  
DE ESTUDOS INEP/EATEP

TEMA: SITUAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO  
NO BRASIL - CURRÍCULOS

PERÍODO: 22 a 27 de ABRIL DE 1968

LOCAL: BELO HORIZONTE

DIRETOR DO INEP:

DR. CARLOS CORREA MASCARO

Representantes da USAID:

Dr. Monroe D. Cohen  
Profª. Sílvia Babia

Coordenadora Geral dos Trabalhos

Profª. Lyra Paixão

Membros da EATEP responsáveis pelo desenvolvimento dos  
trabalhos:

Profªs. Diva de Moura Diniz Costa  
Edith V. Berner  
Maria Yvonne Atalécio de Araújo

RELATÓRIO DA III SEMANA DE ESTUDOS  
INEP/EATEP

I - OBJETIVOS:

. Estudar a situação do ensino primário no Brasil, em geral, e nos Estados participantes, em particular.

. Estudar o currículo primário no plano da EATEP, dando ênfase aos objetivos da escola primária e às mudanças que se processam nos currículos.

. Estudar os diversos meios de: a) "conscientização do professor primário", dando ênfase aos materiais que possam atingi-lo mais diretamente na compreensão do seu papel no contexto educacional de país; b) treinamento do professor em exercício.

. Estudar a situação do ensino do ponto de vista da alfabetização na 1ª série, instrumentos de avaliação do rendimento do aluno, política de promoção e outros.

II - ORGANIZAÇÃO

LOCAL - SEDE DA SOCIEDADE MINEIRA DE ENGENHEIROS, Av. João Pinheiro, Belo Horizonte.

PERÍODO - 22 a 27 de abril de 1968.

PROMOTORES - INEP/EATEP/CONTAP

PARTICIPANTES:

. Técnicos da EATEP:

Diva de Moura Diniz Costa  
Edith V. Berner  
Maria Yvonne Atalécio de Araujo  
Lyra Paixão

. Representantes da USAID:

Monroe D. Cohen  
Sílvia Bahia

. Representantes da Secretaria de Educação do Estado

da Guanabara:

Arlette Pacheco da Rocha Moreira  
Irene Faria Terra  
Maria Augusta Teixeira

do Rio:

. Representantes da Secretaria da Educação do Estado

Marilene do Espírito Santo da Cruz  
 Cecília Corrêa de Medeiros  
 Lygia Therezinha Rodrigues de Lemos  
 Nelly Villa Alvarez Bahia  
 Helena Nader

to Federal:

. Representantes da Secretaria da Educação do Distri

Stella dos Cherubins Guimarães Trois  
 Lea Aparecida Moreira Cunha  
 Maria Nice da Costa de Almeida  
 Marialice de Carvalho Pitaguary  
 Olinda da Rocha Lôbo

de Minas Gerais:

. Representantes da Secretaria da Educação do Estado

Lucia Monteiro Casasanta  
 Maria das Dores Silva  
 Maria Auxiliadora Rocha  
 Maria Umbelina Caiafa Salgado  
 Maria Serafina de Freitas

. Representantes da DAP, CRPE João Pinheiro:

Rêda Dias da Silva  
 Maria de Lourdes Almeida  
 Nancy da Silva Pereira  
 Nazira Feres Ábi-Sáber  
 Thereza Geraldí

. Representante de Pernambuco:

Janise Pinto Peres

. Representante do Espírito Santo:

Ana Furtado Araujo

. Secretária das reuniões:

Elza de Bastos

. Secretária datilógrafa

Juracy de Paiva

## . Contador:

Walbert Burkhart e Silva

## . Desenhistas e decoradores:

Leticia Barbosa Campos

Paulo César Bicalho

. Pessoal administrativo da EATEP, responsável pela preparação dos trabalhos que foram levados para distribuição:

Eunice da Conceição Macedo Rosa (revisora de português).

Laura Maria da Silva Maia (secretária datilógrafa)

Estelanita Maria Barreto Marques (datilógrafa)

Eliomar Brito Viana (tesoureiro)

Lourdes Pinto Siqueira (operadora do mimeógrafo)

As despesas com passagens e estada das participantes, além de outras necessárias ao desenvolvimento dos trabalhos, foram custeadas pelo INEP/EATEP, utilizando-se fundos do CONTAP num total de NCr\$ 11. 950,00 (onze mil novecentos e cinquenta cruzeiros novos)

assim distribuídos:

Passagens NCr\$	3 Diárias (30% de salário mínimo de MG) NCr\$	Ajuda de custo NCr\$	Outras despesas (materiais, serviços de terceiros, etc.) NCr\$	Total NCr\$
2.913,30	6.527,36	900,00	1.809,34	11.950,00

Durante a Semana estiveram em exposição livros e materiais de orientação e planejamento elaborados pelas Secretarias de Educação da Guanabara, Rio de Janeiro, Distrito Federal e Minas Gerais.

Responsáveis pelo conteúdo dos materiais utilizados durante a Semana e pela condução das discussões sobre currículos e objetivos da Escola Primária:

Maria Yvonne Atalécio de Araujo

Edith V. Berner

Diva de Moura Diniz Costa

## III - DESENVOLVIMENTO

Os trabalhos se desenvolveram de acordo com a agenda seguinte:

## - A G E N D A -

## III SEMANA DE ESTUDOS EATEP

22 a 27 de abril de 1968

9 às 12h			14 às 18h	20h
Segunda-feira 22	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Situação atual da Educação Primária Brasileira.</li> <li>. Custos da Evasão e Repetência na Escola Primária Brasileira</li> </ul>	A	Relatórios - Representantes das secretarias da Educação: - Brasília, DF - Rio de Janeiro - Guanabara	
Terça-feira 23	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Relatórios - Representantes da Secretaria da Educação de Minas e do CRPE João Pinheiro.</li> <li>. Plano-Piloto nos Estados do Espírito Santo e Pernambuco.</li> </ul>	L	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Currículo - pontos básicos</li> <li>. Objetivos da Educação Primária</li> <li>. Responsabilidades da Escola Primária</li> <li>. Currículo de Ontem e de Hoje</li> </ul>	
Quarta-feira 24	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Currículo - Qualidade e Organização das experiências.</li> </ul>	M	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Implemento do Currículo</li> <li>. Análise dos Problemas relacionados com o Currículo na Escola Primária.</li> </ul>	
Quinta-feira 25	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Primeira série - fatores relacionados com seu rendimento.</li> <li>. A criança da 1ª série.</li> <li>. O professor da 1ª série.</li> </ul>	Ô	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Visita à DAP - Divisão de Aperfeiçoamento do Professor - Centro Regional de Pesquisas João Pinheiro - Av. Amazonas, 5855 - Gameleira.</li> </ul>	
Sexta-feira 26	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Currículo da 1ª série: Leitura</li> </ul>	Ç	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Trabalho em grupo</li> </ul>	MESA REDONDA
Sábado 27	Conclusões	0		



Os debates e o resumo das atividades de cada sessão em con tra m - se em an exo, resultado das anotações da secretária das reuniões.

Destacaremos aqui os pontos principais abordados em ca da uma das sessões:

- Sessão da manhã do dia 22/4/68:

- 1 - Informações sobre a EATEP - Equipe de Assistência Técnica ao Ensino Primário.

I FASE - Originou-se de um convênio entre o MEC, através do INEP, CONTAP e USAID. EATEP: equipe mista - técnicos brasileiros e americanos unem experiências e trabalho no sentido de sugerir medidas capazes de reduzir a incidência da evasão e repetência na escola primária brasileira, fenômeno por ela analisado.

II FASE - Nessa fase, a EATEP vem se dedicando: ao implemento do Plano-Pilôto em Recife e Vitória; pesquisas relativas ao rendimento do sistema escolar primário; treinamento do pessoal em serviço e elaboração de material didático para administradores, supervisores e professores.

- 2 - Conclusões a que chegou a EATEP, apresentadas através da projeção de dados estatísticos, mostram a realidade do fenômeno evasão e repetência e inspiram o planejamento de medidas que possam atender, dentro do possível, em quantitativa e qualitativamente, as necessidades do ensino primário no País, de acordo com suas possibilidades.
- 3 - Resultado educacional desejado não está sendo conseguido, em todas as Unidades da Federação. Há causas específicas a cada Estado e causas comuns a todos eles, o que determina a nossa resposta deficitária ao problema, tanto em relação ao investimento econômico, quanto à perda de potencial humano.
- 4 - Necessidade de conjugação de esforços no sentido de que o sistema educacional tome a educação como investimento, cuja rentabilidade venha a garantir a mão de obra treinada ou treinável ao desenvolvimento.

- Sessão da tarde do dia 22/4/68:

- 1 - Agravantes problemas educacionais do País e sua complexidade, devido às causas internas e externas que os envolvem, a todos sensibilizam.

- 2 - Aspectos abordados pelos relatórios das equipes de Brasília - D.F., Estado do Rio e Guanabara mostram causas comuns no que se refere aos índices de evasão e repetência e estão de acordo com a hipótese levantada pela EATEP: prontidão da criança, preparo do professor, adequação do currículo, disponibilidade de material, tempo e espaço.
- 3 - Unidades da Federação representadas nesse Encontro têm as atenções voltadas para o fenômeno; experimentações, tentativas, união de esforços no sentido de reduzi-lo comprovam na afirmação.
- 4 - Grande preocupação de restaurar guias de currículo e sua distribuição ao longo do curso, dentro do maior equilíbrio possível. Programas experimentais foram apresentados pelas diversas equipes.
- 5 - Necessário, na 1ª série, dividir o problema mais agravante em etapas delimitadas, para melhor dosagem e avaliação mais segura.

- Sessão da manhã do dia 23/4/68:

- 1 - Secretaria da Educação de Minas Gerais, pelo seu Departamento de Ensino Primário, mostra a sua preocupação em providenciar, segundo suas possibilidades, melhor atendimento ao sistema educacional.
- 2 - Providências várias já foram tomadas no sentido de reduzir a incidência dos fenômenos que impedem o desenvolvimento normal do sistema educacional, através de aperfeiçoamento do professor em serviço:
  - manutenção do Curso de Administração Escolar que prepara Orientadores, Diretores, Inspectores e Delegados do ensino;
  - manutenção de Cursos de Especialização para professores;
  - manutenção de Curso de Treinamento para professores leigos;
  - encontros de Orientadores do Ensino;
  - jornadas Pedagógicas, etc.
- 3 - Descentralização da Secretaria de Educação através de Delegacias Regionais de Ensino, a fim de atender com melhor prestação e adequação os problemas de cada região.
- 4 - Sistema de classificação dos alunos nas diversas séries supervisionado pela Secretaria de Educação do Estado, através do estabelecimento de critérios para homogeneização de classes. Na 1ª série, são fundamentais: a observação do professor, durante o Período Preparatório e a aplicação de testes individuais e de reajustamento.

- 5 - Experiência, na capital e algumas cidades do interior, com o curso de verão tem comprovado diminuição satisfatória da repetência na 1ª série.
- 6 - Principal finalidade do I Encontro de Orientadores de Ensino do Estado - a análise do problema da repetência; concluiu-se que o fenômeno prende-se a causas administrativas pedagógicas, sociais e individuais. As Jornadas Pedagógicas tiveram sua origem nesse Encontro de Orientadores.
- 7 - Campanha dos 100% levada a efeito em algumas Escolas da Capital. A professora, ao receber a classe, espontaneamente se compromete a dar o resultado máximo.
- 8 - AMAE se preocupa em publicar sugestões de atividades, testes, orientação, etc., em sua revista "AMAE EDUCANDO" e orientação em folhetos, a fim de melhor ajudar o professorado na sua árdua tarefa. Apesar dos esforços de todos, o fenômeno da evasão e repetência é ainda de grande vulto.
- 9 - Maria Serafina, Diretora de um Grupo Escolar da cidade de Pium-í interior de Minas, testemunha a luta que vem travando contra a repetência;

Testes de prontidão, acompanhados de observação da classe pela professora, orientação e atividades interessantes permitem classificar e orientar o trabalho das classes de maneira a atingir os objetivos propostos, principalmente no que se refere à alfabetização, fonte na qual incide o maior número de repetência na 1ª série.

. Simplicidade, irradiando amor e entusiasmo aos professores, valorizando-lhes o trabalho e dando-lhes um voto de confiança, eis a arma usada para diminuir consideravelmente a repetência na 1ª série.

. Narrada a vivência, sentimos que em sua escola, a criança é senhora do ambiente, pois todos se voltam para ela; isto evidencia o fato de que "o professor é realmente o principal fator da aprendizagem".

- Sessão da tarde do dia 23/4/68

- 1- D. Isabel traz sua contribuição, relatando aos participantes da III Semana EATEP o trabalho realizado no Grupo Escolar da Mannesman, onde crianças de meio sócio-econômico baixo - filhas de operários - desenvolvem trabalho semelhante ao desenvolvido no Instituto de Educação do Estado de Minas Gerais. O índice de aprovação cresce dia a dia. É o "produto de interesse, esforço, ideal, trabalhos aliados e técnicas mais avançadas".

- 2- EATEP dá assistência direta aos Estados de Pernambuco, Espírito Santo e Rio Grande do Sul; e indireta, através de informações, conferências, semanas de estudos, etc.

Assistência técnica direta se verifica através da coleta e análise de dados relativos ao fenômeno evasão e repetência na escola primária, no plano-pilôto, ou no treinamento de pessoal.

- 3- Plano-Pilôto ataca as causas internas da evasão e repetência. Em cada Estado inicia-se o trabalho com 20 classes de crianças de meio sócio-econômico baixo, como o caso de Recife, ou meio misto, como em Vitória. Isso significa experiência com a média das crianças brasileiras.
- 4- Plano-Pilôto um trabalho de rotina da Secretaria de Educação. A Comissão de Recomendações é composta de elementos dessa Secretaria. Portanto, uma das condições para a execução desse plano é colocá-lo na Secretaria de Educação do Estado, a quem legalmente, cabe cuidar do ensino Primário.
- 5- Avaliação do projeto feita através de fichas de avaliação do sistema, do aluno, do professor e da escola. Essas fichas serão preenchidas com a devida orientação e seriedade.
- 6- Registro de todo o trabalho realizado, inclusive do custo, pois é objetivo da EATEP mostrar que, com o atendimento das condições mínimas necessárias, haverá melhor rendimento e menos custo para que o trabalho seja divulgado.
- 7- Pontos comuns de contato da EATEP com todos os Estados, inclusive Minas Gerais, referem-se a causas da evasão e repetência. É proposta a congregação de todos para a canalização de esforços e intercâmbio de experiências.
- 8- Esforços focalizados nas causas internas do fenômeno. Atacar essas causas por etapas, através de revisão do currículo, treinamento de professor e supervisor e disponibilidade de material.
- 9- Elementos atuantes no currículo, em todas as escolas: criança, professor, material, tempo e espaço. Atuação entrosada desses elementos.
- 10- Fatores determinantes de um currículo: criança com suas necessidades e interesses, sociedade com suas necessidades e objetivos, aprendizagem de conhecimentos essenciais e habilidades básicas.
- 11- Currículo sustentado pela preparação do professor, administração, supervisão e material.

## - Sessão da manhã do dia 24/4/68:

- 1- Objetivos da escola, ligados aos objetivos da Educação, baseados em textos legais - Educação direito de todos, participação no bem comum e na melhoria.
- 2- Obrigação de a escola formular objetivos realizáveis, bem definidos, que lhe dêem direção e respeitem as possibilidades da criança.
- 3- Responsabilidade da escola em criar situações intencionais que levem a criança a desenvolver habilidades necessárias ao seu bem estar na comunidade. Importância do professor nessa problemática a fim de possibilitar a transferência da aprendizagem.
- 4- Necessidade da conscientização da realidade brasileira pelo professor a fim de compreender os objetivos da educação e procurá-los.
- 5- Preocupação dos educadores com a educação integral. Importância de levar o Concílio Ecumênico às escolas, dentro de uma consciência cristã, procurando a formação da criança consciente.
- 6- Paralelo entre o currículo de ontem e o de hoje. Mudanças que processam no Currículo e no ensino. Mudanças na sociedade e em seus objetivos. Mudanças no currículo cuja finalidade é servir a sociedade. Mudanças nos processos de ensino e aprendizagem.
- 7- Currículo e processos de aprendizagem. Ambiente favorável à aprendizagem. Atividades e processos para aprender tornam-se maiores no currículo. Conteúdo selecionado para desenvolver tipos de comportamento.

## - Sessão da tarde do dia 24/4/68:

- 1- Uso de material simples para levar a mensagem ao professor comum. Material de mais simples comunicação para se compreender a interrelação das situações, partindo de uma estrutura global.
- 2- Currículo de conteúdo bem organizado com experiências válidas. Interação de processo e conteúdo na elaboração do currículo. Consecução dos objetivos individuais e sociais. Objetivos bem definidos para o professor e a criança. Experimentação e comunicação no ensino-aprendizagem.

- 3- Processos para alcançar objetivos da Educação integral. Determinação de objetivos. Interação, processo, conteúdo. Experimentar e comunicar, através de materiais didáticos, recursos do ambiente e recursos humanos.
- 4- Proporção de atividades em um programa escolar. Atividades correlatas e ensino direto ao longo do curso.
- 5- Conteúdo grande preocupa professor. Planejamento do horário. Blocos de assuntos correlacionados, onde várias atividades das diversas áreas de ensino podem ser desenvolvidas. Supervisor e professor trabalham juntos na reestruturação do programa.
- 6- Relato de experiências nesse sentido. Preocupação da Divisão de Aperfeiçoamento de Professores/DAP em administrar cursos que atendam melhor o preparo do Supervisor.

- Sessão da manhã do dia 25/4/68:

- 1- Visita à DAP-Divisão de Aperfeiçoamento do Professor - CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS JOÃO PINHEIRO. Recepção e boas vindas aos visitantes. Apresentação das chefes e professores dos diversos Serviços da Divisão de Aperfeiçoamento.
- 2- Apresentação do Sr. Diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais João Pinheiro aos participantes da III Semana de Estudos EATEP. Importância do trabalho que vem sendo realizado naquele Centro por elementos que se unem procurando atender a melhoria do ensino no Brasil.
- 3- Visita ao Grupo Escolar de Demonstração Leon Renault, onde os visitantes puderam observar aula de demonstração de Leitura na 1ª série, atividades para a prontidão da leitura - cartas de experiências. No 3º período de Jardim da Infância, aula de educação musical. Atividades desenvolvidas realmente válidas para a formação integral da criança. Observado o manejo da classe das professoras regentes e muito apreciado este trabalho.
- 4- Informação da Coordenadora Pedagógica da DAP sobre os cursos que estão sendo ali realizados. Preocupação de oferecer cursos gerais de fundamentação e cursos de escolha que possibilitem maior integração de áreas do currículo; curso de Educação Rural; cursos de Atualização para professores primários de Minas Gerais. Processo de desenvolvimento desses cursos.
- 5- Discussão sobre diversos problemas que surgem nos cursos de aperfeiçoamento do professor; vivência de situações de grupo entre professores influenciando nos trabalhos desenvolvidos com os professores bolsistas. A família que a DAP constitui e a filosofia do seu trabalho.

- 6- Objetivos prioritários da DAP para o presente ano: Cursos, Escola de Demonstração, Assistência a outros Estados. Publicações.
- 7- DAP continua trabalho iniciado. Estímulo da direção de Lyra Paixão e dos americanos ainda no tempo do PABAE. Conjugação de esforços - líderes e liderados - no PABAE e na DAP.
- 8- Filosofia do trabalho desenvolvido pela DAP atuando em todos os quadrantes do país, irradiada pelos ex-bolistas.

- Sessão da tarde do dia 25/4/68:

- 1- Organização de um currículo depende da criança, sociedade e aprendizagem. Interação entre o aluno (suas necessidades e interesses, extensão e seqüência do currículo) e a sociedade (valores democráticos, objetivos, técnicas de ensino). Avaliação relativa aos objetivos definidos e de acordo com o conteúdo e técnicas desenvolvidos.
- 2- Necessidades da criança determinam o que ensinar. Interesses determinam quando ensinar, e objetivos, como ensinar. Aspectos exigidos para a formação de hábitos e habilidades desejáveis e aquisição de conhecimentos essenciais.
- 3- Idéias básicas: que desenvolver - conteúdo selecionado dentro do programa, reorganização em blocos de experiências; como desenvolver - processos de ensino, atividades e materiais adequados.
- 4- Reorganização em etapas: currículo de 1ª série, sua execução; preparo da professora de 2ª série, currículo da 2ª série, etc. Trabalho conjunto do supervisor e do professor. Necessidade de transformar programa, às vezes pobre, em currículo rico. Su gestões para conteúdo e seqüência dos currículos.
- 5- Visita do prof. Carlos Correa Mascaro, diretor do INEP. Seu interesse em acompanhar o trabalho que a EATEP desenvolve em prol da melhoria do ensino elementar. Considera a escola empreza de baixa produção. Evasão e repetência - grave problema social e econômico. Importância de solução urgente para o problema.
- 6- Necessidade de encontros entre professores e técnicos para análise dos problemas educacionais, troca de experiências e sugestões de medidas a tomar.

- 7- Debate em grupo sobre a influência de certos fatores no rendimento do trabalho na 1ª série. Fatores discutidos: quanto ao aluno - prontidão, currículo, avaliação, promoção; quanto ao professor - formação e supervisão, práticas de ensino, materiais.
- 8- Apresentação das conclusões a que chegaram os grupos. O prof. Mascaro aprecia o trabalho desenvolvido. Tendência atual - escola integrada. Necessidade de contatos entre professor de escola normal e supervisor, supervisor e professor de Faculdade para melhor rendimento do ensino elementar.

- Sessão da manhã de dia 26/4/68:

- 1- Comentário sobre aspectos importantes abordados pelos componentes da mesa redonda: a educação como investimento; a evasão dos professores mal remunerados; a rigidez da escola - necessidade de adotar melhores técnicas de comunicação; necessidade de incluir as Artes no currículo; a falta de líderes e pesquisadores; a mensagem - união de todos os professores em torno da idéia, no momento com o fim de sensibilizar as autoridades quanto ao problema.
- 2- Posição da EAREP quanto à prontidão. Professor deve conhecer o conceito de prontidão. Necessidade de reunir o que temos sobre o assunto. Theresa Geraldini apresenta alguns testes de prontidão como sugestão. Avaliação-problema afilativo. O avanço progressivo. Testes como diagnóstico.
- 3- Início de trabalho na 1ª série. Agrupamento em faixa etária com respondendo aos interesses da criança. Organização de grupos de leitura interclasses e, se necessário, de matemática. Em cada faixa etária, os alunos formarão subgrupos, de acordo com seus níveis de leitura.
- 4- Testes como indicação dos diversos níveis em que a criança se encontra. Possibilidade de agrupamento das crianças de acordo com esses níveis, para melhor atendimento às diferenças individuais.
- 5- 1 etapa para atingir o ideal:
  - 1ª) criação das condições para obrigatoriedade da frequência, adoção dos avanços progressivos, regularização das idades por série;
  - 2ª) revisão do programa da 1ª série;
  - 3ª) preparação de professores, supervisores e de material didático para o desenvolvimento do programa da 1ª série.



C - II Etapa para atingir o ideal:

- 12) tornar as crianças de 7 anos realmente obrigadas à frequência à escola;
- 22) rever o programa da 2ª série;
- 32) preparar professores, supervisores e material para o desenvolvimento do programa da 2ª série. Dessa maneira, será feito o ajustamento das demais séries ao novo sistema.

- Sessão da tarde de dia 26/4/68

- 1- Análise da tabela da composição de classes nas diversas séries - crianças da faixa etária de 7 a 14 anos que se misturam nas várias séries. Necessidade da preparação para a mudança de sistema.
- 2- Agrupamento por níveis leva a criança a aprender mais, com maior interesse e mais oportunidades. Sugestão em situação de emergência - grupos de recuperação. O trabalho de Miss Edith Berner sobre agrupamento de crianças. Em Minas Gerais, o trabalho com grupos de recuperação já está sendo iniciado.
- 3- EATEP e o problema do ensino da Leitura no Brasil. Conclusões da I Semana de Estudos. Complexa a aprendizagem da leitura. Diferentes processos promovem aprendizagens por caminhos diversos. Leitura grande responsável pelo fracasso na 1ª série.
- 4- Método de ensino e direito de escolha do professor. Necessidade do verdadeiro conceito de leitura para a escolha do melhor método.
- 5- Condições em que se encontra cada professor de turma. Papel do Supervisor na orientação do professor, no sentido de enriquecer-lhe o método usado, suprir-lhe as deficiências e habilitá-lo para o emprego de métodos mais modernos.
- 6- EATEP apresenta medidas de emergência. Não significa abandono ou rejeição da fundamentação da leitura. Necessidade de conscientizar os professores e supervisores para que todos possam chegar a essa fundamentação.
- 7- Medidas para o planejamento do currículo:

- ATRIBUIÇÕES DOS ÓRGÃOS ESTADUAIS

- I FASE: Conselho Estadual de Educação  
Secretaria da Educação e Cultura  
Departamento de Educação Primária
- II FASE: Departamento de Educação Primária  
Delegacias de Ensino - Inspetoria de Ensino  
Supervisores de Ensino - Diretores de Escola
- III FASE: Supervisores e professores regentes de classe.
- IV FASE: Professor e aluno

## IV - ATIVIDADES EXTRAS

Dia 25/4/68, às 12h 50 min:

Entrevista à TV Excelsior, canal 12, de Belo Horizonte, sobre a EATEP e suas atividades.

Dia 25/4/68, às 15h:

Visita do sr. Diretor do INEP, prof. Carlos Corrêa Mascaro que teve oportunidade de dirigir palavras de estímulo à EATEP e aos representantes das Secretarias da Educação, presentes à Semana de Estudos. Fez ainda entrega das duas primeiras publicações da EATEP: "Fenômenos da Evasão e Repetência na Escola Primária Brasileira"; - "Objetivos da Educação Primária".

Dia 25, quinta-feira, das 20h às 23h:

Mesa redonda para discutir problemas ligados ao rendimento do ensino primário brasileiro, focalizando particularmente os fenômenos da evasão e repetência.

Participantes:

José Faria Tavares - Ministro do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais e Prof. de Sociologia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Ruy Flores Loyes - Diretor Fundador do IBRASPE (Instituto Brasileiro de Psicologia e Educação) onde desenvolve trabalho de formação no campo de arte aplicada à Educação e à Terapia, além da psicoterapia individual e de grupo.

Raymundo Cândido - Professor Catedrático de Direito Penal da Universidade Federal de Minas Gerais; Conselheiro do Banco de Desenvolvimento do Estado de Minas Gerais.

Nazira Fêres Abi-Sáber - Professora de Didática da Escola Normal Oficial de Manhuaçu e Chefe de Serviço de Educação Pré-primária da DAP - CRPE João Pinheiro.

Maria Helena Andrés - Pintora com exposições no Brasil, em vários Estados, e no exterior: EEUU, França, etc. Autora do livro "Vivência é Arte"; Professora de Arte na Escola Guignard.

Coordenação da prof<sup>a</sup>. Lyra Paixão.

Dia 26/4/68, às 18h:

"Cocktail" no Instituto de Educação de Belo Horizonte, oferecido pelo Sr. Secretário de Educação de Minas Gerais, Dr. José Maria Alkmim, quando os participantes da III Semana de Estudos tiveram oportunidade para conhecer educadores mineiros dos diversos níveis e trocar impressões sobre o ensino nos seus Estados. Agradecendo a recepção, falou em nome dos participantes a professora Arlete Pacheco da Rocha Moreira, representante da Guanabara.

## V - CONCLUSÕES

Os participantes da III Semana de Estudos, dentro do tema central de "Estudo da Situação do Ensino Primário no Brasil - Currículos", chegaram às seguintes conclusões gerais:

### 1- Necessidade de:

- a) conscientizar o pessoal administrativo das Secretarias da Educação e demais autoridades envolvidas na problemática do ensino primário;
- b) levar o professor regente de classe a sentir a importância de seu papel no contexto geral;
- c) reformular os currículos para torná-los adequados às crianças a que servirão;
- d) levar o professor a conhecer a importância dos testes como diagnóstico, para melhor atendimento às necessidades de aprendizagem da criança.
- e) dar maior importância às artes e recreação;

### 2- Pontos positivos da III Semana de Estudos INEP/ENATEP:

- . Tomada de consciência da situação de ensino primário, quer no Brasil, quer nos Estados participantes da reunião.
- . Análise dos aspectos ligados à produtividade do ensino primário brasileiro, com base estatística e visão objetiva.
- . Sugestão de medidas ou providências que poderão ser tomadas para a solução dos problemas identificados.
- . Evidência ao espírito de pesquisa e vivência direta, evitando-se assim "soluções de gabinete".

. Unidade de ação, firmeza e objetividade do Grupo que liderou os trabalhos, não deixando que os participantes se afastassem dos objetivos do Encontro.

. Oportunidade aos Grupos presentes de tomar conhecimento dos diversos sistemas de ensino, da problemática da educação, das experiências e realizações de cada Estado.

. Oportunidade de congraçamento com equipes representativas do ensino primário de outros Estados e de outro país.

. Distribuição de valioso material, feita ora pela NATEP, ora pelos participantes, ora pelas Editoras locais.

. Vivência, dentro da Semana, de uma das sugestões apresentadas: envolvimento das autoridades nos problemas.

. Oportunidade aos educadores participantes de interromper seu trabalho cotidiano, a fim de refletir sobre problemas da educação, dentro da realidade atual.

. Participação, em mesa-redonda, de personalidades expressivas da Comunidade, interpretando sob ângulos diferentes os problemas discutidos.

. Complementação dos trabalhos desenvolvidos através de farto material ilustrativo: simples, significativo, sugestivo.

. Modéstia do sistema: todos propõem e aceitam sugestões.

. Seqüência das idéias centrais do plano com grande clareza e organização.

. Ponto focal de todo o trabalho: a criança nos exemplos, na origem do planejamento e nos vários aspectos de situações da sala de aula. No próprio logotipo, a explicação de Márcio resume e transmite esta idéia.

. Consecução dos objetivos programados para o Encontro com a devida flexibilidade.

. Senso prático na condução dos trabalhos.

. Não preconização de mudança básica na estrutura educacional mas sim melhoria e aperfeiçoamento do sistema existente, partindo de pequenos núcleos de experimentação, e mais particularmente, ainda, atendimento e elevação do nível do professor regente.

. Visita à DAF, que nos deu oportunidade para conhecer a instituição e assistir a aulas de demonstração (1ª série e 3ª período do Jardim).

. Presença e depoimento de Maria Serafina de Freitas, diretora do Grupo Escolar Pium-í, M.G., que trouxe o testemunho de um trabalho tão bem realizado, a ponto de não existir problema de repetência em sua escola.

. Idealismo, espírito de grupo e experiências apresentadas pela EATEP valeram como elemento propulsor para o desempenho de funções futuras.

3- A EATEP não se propõe dar ajuda material mas uma assistência técnica para que se conquiste um aprimoramento do magistério primário, muitas vezes passivo por falta de alerta quanto aos seus direitos e deveres.

#### VI a- SUGESTÕES para os próximos encontros da EATEP:

. Maior esclarecimento dos objetivos para os futuros encontros, quando forem distribuídos convites a fim de que as Equipes Estaduais se preparem mais adequadamente para participar das reuniões.

. Mais tempo para debates e trabalhos de grupo.

. Exposição do material representativo das atividades pedagógicas de cada Estado disponha de tempo suficiente para apreciação por parte dos integrantes do Encontro.

. Apresentação dos relatos de cada Estado de modo que haja tempo para uma definição caracterizada de objetivos, procedimentos e resultados.

. Previsão, na agenda, de tempo livre para os participantes.

. Realização de novos encontros sobre cada item da problemática apresentada (leitura, critérios de promoção, reagrupamento das crianças, etc.).

. Continuidade desse trabalho, que visa, através da melhoria da escola primária, a equação do problema "evasão e repetência".

VI b- Sugestões para que a diretriz de pensamento discutida durante a III Semana de Estudos tenha continuação, ou melhor, produza resultados multiplicadores (por exemplo, a comunicação entre a EATEP e os representantes da GB, RJ, MG, RJ e DF e vice-versa):

. Boletim permanente da EATEP com informações e sugestões diversas, bem como notícias de outros Estados.

- . Plano-Pilôto especial para o Norte, por razões geográficas.
- . Possibilidade às pessoas envolvidas em educação para visitarem os locais onde chega a ação dos planos-pilotos da EATEP.
- . Aproveitamento do material da EATEP nas Escolas Normais, nos Centros de Treinamento e nos demais cursos de aperfeiçoamento do professor.
- . Trocas de correspondência em geral.
- . Formação de novos núcleos em toda a Federação, a fim de serem divulgadas a filosofia e as normas de ação da EATEP.
- . Recrutamento e orientação de pequenos grupos que possam propagar e multiplicar as idéias preconizadas.
- . Envio aos participantes desta XII Semana de Estudos das conclusões, publicações, estudos e notícias dos próximos encontros que a EATEP venha a realizar sobre os diversos aspectos aqui tratados.
- . Solicitação, pela EATEP, aos Estados participantes, de dados e trabalhos que julgar necessários à continuação de estudos.
- . Envio à EATEP, pelos Estados participantes, do plano de trabalho que indique aplicação das sugestões apresentadas durante os Encontros.
- . Apreciação, pela EATEP, dos trabalhos que lhe foram encaminhados pelos Estados participantes.
- . Elementos presentes num encontro participem de outros.
- . Contacto da EATEP com as Secretarias Estaduais para melhor entrosamento dos trabalhos.

E, finalizando este relatório, ressaltamos o seguinte:

Ficou patente no decorrer da Semana não só o aproveitamento dos participantes, como também a compreensão da filosofia da EATEP: comunicação e divulgação dos estudos que vem realizando e um alerta aos educadores sobre os problemas que afligem o sistema educacional primário do Brasil.

Todos os Grupos participantes revelaram grande interesse pelos assuntos tratados, firmeza de atitudes e maturidade profissional, principalmente na avaliação dos trabalhos.

O planejamento prévio e minucioso da Equipe e o material preparado constituíram fatores de êxito da Semana de Estudos.

Rio de Janeiro, 29 de abril de 1968,

*Lyra Paixão*  
Lyra Paixão  
Coordenadora Técnica  
da EATEP

RESUMO DAS ATIVIDADES  
DESENVOLVIDAS DURANTE A III SEMANA  
DE ESTUDOS INEP/EATEP

TEMA: SITUAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO NO BRASIL - CURRÍCULOS

PERÍODO: 22 a 27 DE ABRIL DE 1968

LOCAL: BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS

DIRETOR DO INEP:  
DR. CARLOS CORREA MASCARO

COORDENADORA GERAL DOS TRABALHOS:  
Profª. LYRA PAIXÃO

MEC/INEP/USAID

EATEP

Rua Voluntários da Pátria, 107 - Botafogo

Preparado por Eunice C. Macedo Rosa

Ocorrências da manhã de 22/4/68

A coordenadora técnica Lyra Palhão abre os trabalhos da 3ª semana de estudos dando boas vindas aos participantes e fazendo votos para que o Encontro tenha resultados satisfatórios.

Depois de apresentar os participantes da Guanabara, Brasília, Estado do Rio, Minas Gerais e representantes de Pernambuco e Espírito Santo, faz um histórico a respeito da EATEP. Resultou de um convênio entre o MEC, o CONTAP e a USAID, firmado em 1965. Constituída de seis educadores brasileiros e seis norte-americanos, a 1ª fase de trabalhos da EATEP foi dedicada a análise dos fenômenos da evasão e repetência na escola primária brasileira. A 2ª fase, iniciada este ano, conta com três técnicas brasileiras e dedica-se ao implemento de um plano, que está sendo experimentado em Recife e Vitória; a pesquisa do rendimento do sistema de ensino; ao treinamento de pessoal em serviço e à elaboração de material didático para administradores, supervisores e professores. Propõe-se também divulgar as conclusões dos estudos realizados, para levar aos educadores brasileiros notícias a respeito da realidade do ensino primário em nosso país.

Com a palavra, o Dr. Monroe Cohen cumprimenta os participantes da III semana de estudos da EATEP, cujos estudos já despertaram interesse até mesmo além das fronteiras brasileiras. Cita o pedido do Peru, Guatemala e outros países da América Central, de cópia do relatório da EATEP, já que estão fazendo estudos semelhantes ao nosso, a respeito da evasão e repetência. Fala deste problema encontrado também em outros países como a Ásia, Laos, Irã, Malásia, Afeganistão e das medidas adotadas para combatê-lo. Destaca a boa qualidade do professor, currículos realistas, reexame dos critérios de avaliação e promoção e disponibilidade de bom material de ensino; medidas presentes no plano da EATEP e que serão estudadas esta semana.

A coordenadora dos trabalhos expõe sobre a "Situação atual da Educação Primária Brasileira e Custos da evasão e repetência na escola primária brasileira". Usa como material ilustrativo transparências com aspectos diversos do assunto abordado.



Os participantes apresentam problemas e fazem comentários diversos: muitos não estão conseguindo em sua terra o resultado educacional previsto, por razões específicas de cada Estado e por outras comuns a todos eles; o professor desconhece a situação real de nosso sistema de ensino e deixa o magistério por falta de estímulo; teme reger classe de 1ª série devido às dificuldades próprias desta série; fatores internos e externos ao sistema atuam no plano educacional; os recursos econômicos aplicados à educação devem ser devolvidos em pessoal treinado ou treinável; se a escola primária não tomar providências para que esses recursos voltem à produção, será difícil até a própria sobrevivência; cada criança gasta, na escola primária brasileira, 60 dólares nos 4 anos.

### Ocorrências da tarde de 22/4/68

Iniciam-se as apresentações a respeito da situação do ensino primário em Brasília, Estado do Rio, Guanabara, Minas Gerais, Relatório de Brasília. A relatora Stella dos Cherubins Guimarães Trois fala dos problemas do ensino primário: crescimento explosivo da matrícula e mobilidade do aluno e do professor; professores com formação diversificada, porque procedentes das várias unidades da Federação, havendo, porém, uma grande vantagem: ausência de leigos; assistência dada pelo grupo de orientadores da Coordenação dos Serviços sofre reestruturação, surgindo, finalmente, cursos de supervisão e de orientação; cidades satélites apresentam condições sócio-econômicas muito baixas; dentro do Plano Piloto, é difícil um currículo realista; o sistema escolar desenvolve arte na educação e não atende ainda à demanda escolar; formação integral deficiente, seja pelo currículo observado, seja pela distribuição dos alunos em classes preliminares e classes especiais.

Em seguida expõe as medidas tomadas: O ensino passou a ser feito por fases, num total de quatro. A 1ª fase corresponde à 1ª e 2ª séries e compõe-se de período preparatório, pré-livro, 1º livro e 2º livro; não implica em dois-anos e a criança começa aos 6 anos, quando apresenta prontidão. A 2ª fase corresponde à 3ª série, a 3ª fase a 4ª série e a 4ª fase à 5ª e 6ª séries.

Em cada cidade satélite há uma escola de experimentação que é orientada diretamente. Estão tentando um currículo mais realista. Algumas escolas não têm problema referente a material escolar e ajudam as escolas das cidades satélites. Há escolas com dois turnos e outras com até cinco, para atender ao dispositivo legal que determina "escola primária para crianças de 7 a 14 anos". Não há problema de evasão mas de repetência e preocupação com o aumento de matrículas, já que a população continua aumentando.

Em seguida são levantadas questões relativas ao processo educacional de Brasília e obtidas as seguintes explicações: O

recrutamento de professores é feito através de concurso, entretanto fica dispensado de fazê-lo, se o professor foi preparado lá e obteve média igual ou superior a 7. O maior índice de repetência é verificado nas cidades satélites. As classes tiveram início com 20 alunos, passando a 25 e agora a lotação é de 30 por sala. Nas classes de experimentação aproveitou-se a observação do professor, mas este ano foram aplicados também testes iniciais.

### Relatório de Estado do Rio

A relatora Marilene do Espírito Santo da Cruz diz haver no Estado 12 regiões escolares, cada uma com inspetoria pedagógica subordinada à Secretaria da Educação que conta com um elemento para orientar cada área de ensino. Em cada município há um corpo de coordenadores e em cada grupo escolar, uma assistente de coordenação. Apresenta como problemas: a promoção automática já que a Constituição Estadual desdobrou a 1ª série em nível 1 e nível 2; o professor contratado que trabalha cada ano numa escola; o deslocamento de professores para as reuniões na sede das regiões; a frequência, a falta de material escolar, a necessidade de trabalhar para fugir à fome, visto que o meio sócio-econômico é baixo.

Por outro lado há medidas para melhorar a situação como: Cursos para aperfeiçoamento do professor, curso para assistente de coordenação das séries e curso para assistente de instituições escolares. Já foi elaborado novo programa para a 1ª série, com aplicação gradativa iniciada este ano. As classes de 1ª série têm de 25 a 30 alunos e as outras de 30 a 35, obedecendo os estabelecimentos ao regime de 3 turnos. A orientação é levada pela coordenadora às escolas, mediante boletim e horas de esclarecimentos. Niterói conta com 5 coordenadoras que dão cursos práticos, orientação para o preparo e aplicação de testes que eram aplicados no início do ano. Hoje só em casos especiais são aplicados, porque o trabalho de lotação de classes baseia-se na observação da professora que é orientada pela coordenadora. As coordenadoras contam com assistentes que trabalham 4 horas diárias. Para a professora passar à assistente de série deve ser efetiva e ter 4 anos de regência na série; com 5 anos passa à assistente de coordenação.

### Relatório da Guanabara

Conforme Irene Faria Terra expõe, há na Secretaria da Educação a seção de Educação Primária Fundamental e Orientação - EPPF, dividida em 6 sub-seções, cada uma com funções próprias.

As crianças da 1ª série são agrupadas pela faixa etária em nível 1, de 6 a 7 anos e 5 meses e nível 2 crianças de 8 a 9 anos e 5 meses. Há ainda faixa A e B conforme esteja o aluno acima ou abaixo do nível previsto. No início do ano aplica-se o tes

to ABC que rotula a criança em preparada ou não preparada. As alfabetizadas são submetidas a testes de suficiência em linguagem e aritmética. Uma turma formada de crianças de determinado nível com faixas A e B terá a denominação da faixa predominante. Recebem orientação pedagógica as professoras de classes que vão fazer o teste ABC. Obtidos os resultados do teste, são organizadas as fichas de matrícula. No fim do ano aplica-se um questionário para estudo do aproveitamento e elaboração do programa que será seguido. A avaliação é feita através da observação e de provas, testes e concursos fornecidos pela Seção de Orientação Pedagógica. Há certificado de conclusão do curso primário, nível 6 e certificado de frequência engatinhando o aluno ao curso supletivo, quando não termina o primário fundamental.

O maior problema que encontram é a repetência na 1ª série, embora haja também os administradores que deixam a criança sem professor, ou criança que tem muitos professores num ano. Estão lutando contra a repetência e forças externas à escola. Um programa com conteúdo redistribuído está sendo experimentado.

Na Seção de Orientação Pedagógica há 3 equipes para orientar: Equipe nível 1 e 2, Equipe do nível 3 ao 5 e Equipe do nível 6. Contam com 300 orientadores e 600 auxiliares.

Responsável a Seção pelas reuniões com os orientadores pedagógicos, entrosamento com as diversas seções, elaboração de apostilas, coordenação de exercícios de avaliação pedagógica, cursos para orientadores e auxiliares tem convênio com o Instituto de Pesquisas.

Feita esta explanação, são esclarecidas questões várias. Entre elas a possibilidade de passar a criança do nível 1 para o 2 no mesmo ano letivo. O nível 1 alfabetiza e o 2 consolida a alfabetização. O círculo de pais e professores procura mudar a mentalidade relativa ao que é a criança. Os níveis dão o grau de conhecimento da criança e não os anos de escolaridade. Não há promoção progressiva. A criança repete o nível se não consegue vencê-lo. Os conhecimentos matemáticos são dados segundo o nível. No início através de experiências integrantes.

Ocorrências de manhã de 23/4/68

Relatório de Minas Gerais

Maria das Dores Silva fala da estrutura da Secretaria de Educação e suas realizações. Apresenta primeiro o organograma e as funções das várias divisões, detendo-se mais no Departamento do Ensino Primário.

Providências várias foram tomadas para reduzir os fenômenos que impedem o desenvolvimento normal do sistema de educação. En

tre elas o aperfeiçoamento do professor em serviço mediante: curso de Administração Escolar que prepara orientadores, diretores, inspetores e delegados de ensino; cursos de especialização para professores; curso de treinamento de professores leigos; encontros de orientadores e jornadas pedagógicas. Nã Delegacias Regionais de Ensino para atender com maior rapidez os problemas de cada região. A Secretaria de Educação estabelece critérios para homogeneizar as classes. Na 1ª série, a observação do professor durante o período preparatório e a aplicação de testes individuais e de reajustamento. Para promover o aluno existe a campanha dos 100% e o curso de verão que visa a recuperação do aluno em linguagem e aritmética do 1º ano. A repetência prende-se, na 1ª série, a causas administrativas, sociais e individuais, destacando-se: classes superlotadas, mobilidade do pessoal, carência de professores, classificação inadequada do aluno e sistema de promoção. A Associação Mineira de Administradores Escolares - A.M.A.E. tem procurado ajudar o professor através de jornadas pedagógicas, publicações com orientação e sugestões de atividades.

Em seguida são apresentadas questões várias e debatidos assuntos que foram objeto de exposição.

Marina Serafina, diretora do grupo escolar de Piumhi, Minas Gerais, é convidada a expor suas atividades já que em sua escola não há evasão nem repetência, apesar de muito pobre o meio. Aplica testes de prontidão, observa a classe com a professores e a orienta; providenciam-se atividades interessantes e assim, classifica e orienta o trabalho das classes para que sejam alcançados os objetivos previstos, principalmente a alfabetização. Adotou uma técnica própria e observa: controle de vocabulário, jogo para estudo de palavras de sentido, trabalho feito com palavras selecionadas e a repetição de 12 sons. Aplica o método global em todas as fases, procurando diminuir ao máximo o trabalho da memória. O entusiasmo da professora é muito importante; ela deve ser ainda enérgica, dinâmica e motivar muito o trabalho. Todos voltam-se para a criança.

#### Ocorrências da tarde de 23/4/1968

D. Isabel, diretora do Grupo Escolar de Marmesman, relata seu trabalho com crianças de baixo meio sócio-econômico, filhos dos operários da fábrica. Desenvolvem trabalho semelhante ao do Instituto de Educação de Minas Gerais, crescendo dia a dia o índice de aprovação; é o produto de interesse, esforço e ideal, aliados a técnicas avançadas de ensino. De 197 crianças de 1º ano básico 164 foram aprovadas (83%), além das que fizeram o curso de verão.

D. Lyra agradece às duas diretoras os valiosos depoimentos e fala do plano da EATEP - atacar os problemas da escola primária, sobretudo a evasão e a repetência. O plano aproveitará crianças de meio sócio-econômico baixo e misto. A EATEP assiste, diretamente, em sua experiência planejada, Pernambuco e Espírito Santo e indiretamente os outros Estados, por meio de semanas de estudos, conferências, informações, etc.

Esse plano, chamado Plano Piloto, deve ser um trabalho de rotina das Secretarias de Educação, a quem cabe cuidar do ensino primário. Todo o pessoal que a escola envolve precisa ser conscientizado da situação educacional brasileira, para que o trabalho seja bem sistematizado e tenha depois uma avaliação bem feita. Essa avaliação será através de fichas a respeito do sistema, do aluno, do professor, da escola, do rendimento escolar, inclusive do custo do ensino. Além disso, o registro de todo o trabalho facilita a divulgação.

Há em todos os Estados pontos comuns de contacto com a EATEP, referentes às causas da evasão e repetência. A equipe se propõe congregar os esforços de todos para um intercâmbio de experiências e ataque às causas diversas do fenómeno, através de revisão do currículo, treinamento do professor e supervisor, disponibilidade de material. Visa a uma política de promoção do aluno com efeito multiplicador. Segundo d. Lyra a criança tem motivação para ir à escola, mas a escola não conta com meios para retê-la.

Com a palavra, a técnica Maria Yvonne passa a falar de Currículo e seus pontos básicos, focalizando sobretudo os elementos atuantes no currículo, em todas as escolas: criança, professor, material, tempo e espaço. Não esquecer os fatores determinantes de um currículo: a criança com suas necessidades e interesses; a sociedade com seus objetivos e necessidades; a aprendizagem de conhecimentos essenciais e habilidades básicas. A vida na escola tem seus objetivos derivados das exigências sociais, razão por que são dinâmicos e estão de acordo com a Constituição Brasileira e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Sustentam o currículo a preparação do professor, a administração, a supervisão e o material.

#### Ocorrências da manhã de 24/4/1968

D. Diva continua a exposição a respeito dos pontos básicos do currículo e sobre aspectos considerados responsabilidade da escola primária, transformando-os em objetivos claros para a professora. A escola deve criar situações que levam a criança a desenvolver habilidades necessárias ao seu bem estar na comunidade. O professor precisa conhecer bem a realidade brasileira, compreender os objetivos da educação e procurar atingi-los.

São necessárias mudanças no currículo, nos processos de ensino e na aprendizagem, para que a educação seja integral e forme a criança consciente, diz M. Yvonne. Estabelece, em seguida, paralelo entre o currículo de ontem e o de hoje, ressaltando as mudanças nos processos de ensino e de aprendizagem, para atender à sociedade que não é estática.

Miss Edith Berner fala de processos de aprendizagem e currículo, de ambiente para a criança aprender, de atividades bem selecionadas e dirigidas para desenvolver tipos de comportamento.

São apresentadas questões relativas a objetivos, dosagem do currículo, transferência de aprendizagem, mudanças nos processos, todas esclarecidas pela técnica M. Yvonne.

#### Ocorrências da tarde de 24/4/1968.

A técnica M. Yvonne expõe sobre experiências válidas para que o professor comum seja beneficiado. Inclui em sua fala material de simples comunicação para o professor entender a interrelação das situações, partindo de uma estrutura global. O currículo deve ter conteúdo bem organizado, experiências válidas, facilitando a consecução de objetivos bem definidos para o professor e a criança, experimentação e comunicação no ensino-aprendizagem, através de materiais didáticos, recursos do ambiente e recursos humanos. Em um programa escolar é preciso proporção nas atividades e unir os assuntos correlatos no ensino direto. Conteúdo grande preocupa o professor que de ve trabalhar com o supervisor na reestruturação do programa.

Em seguida são narradas experiências envolvendo correlação de matérias, feitas sobretudo pela Divisão de Aperfeiçoamento de Professores - DAP. Concluem que todos os valores aumentam se houver crescimento na aprendizagem escolar e consideram importantes a formação de conceitos e o desenvolvimento de processos. Lamentam o horário de 3 horas e meia de aulas diárias e o choque que a criança terá no ginásio, considerando-se que a educação é contínua. Felizmente a equipe do curso secundário está voltada para este aspecto. É preciso ensinar a vivência de cidadania mais esclarecida, de pessoa mais integrada numa realidade digna e fazer com que a criança possa estudar só, integrar-se melhor na comunidade e ser mais útil, caso não possa frequentar outras escolas.

A técnica M. Yvonne passa a expor a respeito do compromisso assumido pelo Brasil em Punta Del Este, sobre o ensino elementar em 6 anos.

#### Ocorrências da manhã de 25/4/1968

Iniciam-se os trabalhos com visita à Divisão de Aperfeiçoamento do Professor - Centro Regional de Pesquisas Educacionais João Pinheiro e encontro entre o seu diretor, participantes da III Semana e professores da DAP. O diretor fala do trabalho que aquele Centro vem realizando em benefício do Estado, procurando melhorar o ensino em todo o país. Visita também ao Grupo Escolar de Demonstração Leon Renault, onde observam aula de leitura na 1ª série e aula de educação musical no 3º período do Jardim da Infância. As atividades desenvolvidas são realmente válidas para a formação integral da criança. Os visitantes estão apreciando muito o manejo da classe, enfim, o trabalho desenvolvido pelas professoras regentes.

A Coordenadora da DAP fala dos cursos que vêm sendo realizados naquela Divisão, afirmando que todos os membros se preocupam por oferecer cursos gerais com maior fundamentação; cursos que possibilitem melhor integração de áreas do currículo; curso de educação rural e cursos de atualização para professores primários; explica o processo de desenvolvimento desses cursos. Os visitantes fazem perguntas e pedem informações várias a respeito dos cursos de aperfeiçoamento. O trabalho da DAP é explicado, bem como sua filosofia. Expostas as metas prioritárias da DAP para 1968: Cursos, Escola de Demonstração, Assistência a outros Estados e Publicações. A Divisão continua um trabalho que contou com a direção e estímulo da d. Lyra e da equipe americana do tempo do PADABE e é levado para todos os Estados através dos bolsistas que por aqui passam.

Ocorrências da tarde de 25/4/1968

A técnica Maria Yvonne continua a exposição sobre organização de um currículo; depende ela da criança, da sociedade e da aprendizagem. Deve apresentar interação dos fundamentos sociológicos e psicológicos do currículo e da organização das experiências da aprendizagem. Considerar o aluno com suas necessidades e interesses, a sociedade com seus valores democráticos e seus objetivos, tudo relacionado com a extensão e seqüência do currículo, técnicas de ensino e processos de avaliação. Avaliar obedecendo aos objetivos definidos e de acordo com o conteúdo e técnicas desenvolvidas. As necessidades da criança indicam que coisa ensinar; os interesses dela determinam o quando e os objetivos, como ensinar. São aspectos exigidos para a formação de hábitos e habilidades desejáveis e para a aquisição de conhecimentos essenciais. Na ideias básicas sobre o conteúdo como: que desenvolver? como desenvolver? Dentro do programa, desenvolver um conteúdo selecionado com reorganização em blocos de experiências, escolhendo processos de ensino, atividades e materiais adequados.

A EATEP planejou seu trabalho partindo do currículo da 1ª série e sua execução; do preparo da professora e do currículo da 2ª série; do trabalho conjunto do professor e supervisor; da necessidade de tornar rico um programa pobre.

Chega Dr. Mascaro para uma visita e fala de seu interesse em acompanhar o trabalho que os varios grupos estaduais desenvolvem para melhorar o ensino elementar. Através do combate à evasão e à repetência, fazem com que a escola não continue sendo considerada em presa de baixa produção. Acha indispensáveis encontros entre professores e técnicos para a análise dos problemas educacionais, troca de experiências e apresentação de sugestões de medidas necessárias.

As participantes da semana, divididas em grupo, debatem a influência de certos fatores no rendimento de trabalho na 1ª série. Aspectos discutidos: 1) Quanto ao aluno: prontidão, currículo, avaliação, promoção.

2) Quanto ao professor; formação e supervisão, práticas de ensino, materiais.

Os sete grupos apresentam as conclusões a que chegaram.

Dr. Mascaro aprecia o trabalho desenvolvido pelos grupos e afirma que a tendência atual é a escola integrada, escola elementar em oito anos. É necessário não eliminar o aluno, mas organizar bem o ensino e acompanhá-lo. Infelizmente a escola dá pouco e exige muito da criança. São necessários maiores contactos entre o professor de escola normal e o supervisor e entre este e o professor de Faculdade para que haja melhor rendimento no ensino elementar.

As observadoras da semana discutem também os aspectos apresentados pelos grupos. A Prof. Leda Lourenço fala da prontidão cujo conceito deveria ser transmitido às alunas do curso de formação.

D. Lyra convida os participantes da semana para a mesa redonda no Instituto de Educação às 20 horas. Tem como objetivo colher opinião de outros elementos da comunidade sobre a evasão e a repetência.

#### Ocorrências da manhã de 26/4/68

Iniciam-se os trabalhos do dia com pareceres sobre aspectos importantes abordados durante a mesa redonda. Apoiaram a ideia de encerrar a escola como investimento, contribuição para desenvolver o país. A escola precisa mesmo adotar melhores técnicas de comunicação e aprendizagem; preparar líderes e pesquisadores; evitar a perda dos grandes valores, fato inevitável, já que os professores são mal remunerados e procuram empresas que lhes dão mais valor. Acha importante trazer a arte para a escola através da expressão criadora: desenho, pantomina, dramatizações espontâneas; d. Lyra mostra então por que a atitude de d. Helena Andréa - mostrara arte na educação. No Jardim de Infância a criança vê arte; no primário ela precisa conhecê-la.

D. Diva mostra a posição da EATEP quanto à prontidão e acha que o professor deve saber conceituá-la. Considera necessário reunir o que temos sobre o assunto. Vamos fazer coisas bem práticas, considerar a estabilidade emocional, o meio sócio-econômico que influi na inteligência verbal; enfim a prontidão em tudo, inclusive da professora que nem sempre está pronta para realizar.

Teresa Geraldí apresenta alguns testes de prontidão como sua gestão. Propõe teste diagnóstico que a professora poderá fazer, segundo as condições de sua classe. Não acha bem aplicar o teste Metro-politano de Prontidão para evitar desvalorização do indivíduo ao colocar a criança fora da média.

Queremos uma avaliação para classificar e dirigir o trabalho do professor e não para reter ou reprovar o aluno, diz a técnica Maria Yvonne. A avaliação é nosso problema aflitivo e achamos que



os avanços progressivos atenderiam às possibilidades de cada aluno já que há dois tipos de avanços: um com o aluno melhor e outro com o mais fraco. Os Estados que adotaram a promoção progressiva não fizeram avaliação, coisa necessária para se tomar conhecimento dos níveis. Os testes seriam diagnósticos, para mostrar o que foi feito, até onde o aluno chegou, de onde o professor vai partir, além de indicarem os diversos níveis para que as diferenças individuais sejam atendidas. É, portanto, o ponto de partida do trabalho que deve ser iniciado na 1ª série e estender-se às séries seguintes. Haveria agrupamento dos alunos, segundo a faixa etária que obedeceria aos interesses da criança e ainda subgrupos de acordo com os níveis de leitura, em cada faixa etária.

Resumindo as medidas para atingir o ideal, temos:

I etapa:

- a) criação das condições para obrigatoriedade da frequência, adoção dos avanços progressivos, regularização das idades por série;
- b) revisão do programa da 1ª série;
- c) preparação de professores, supervisores e de material didático para o desenvolvimento do programa da 1ª série.

II etapa:

- a) tornar realmente obrigatória a frequência à escola de crianças de 7 anos;
- b) rever o programa da 2ª série;
- c) preparar professores, supervisores e material para o desenvolvimento do programa da 2ª série. Dessa maneira, será feito o ajustamento das demais séries ao novo sistema.

#### Ocorrências da tarde de 26/4/68

A técnica Maria Yvonne analisa a composição das classes das diversas séries e diz que cada uma delas apresenta crianças de 7 a 14 anos. É a razão por que uma mudança repentina e sem preparação é impossível. Sugere então a leitura do trabalho de Miss Berner sobre agrupamento de crianças; explica que o agrupamento e atendimento por níveis leva a criança a aprender mais e com maior interesse. Sugere a formação de grupos de recuperação em situações de emergência. Mostra a posição da EATEP frente ao ensino da leitura no Brasil; faz a conclusão e afirma que é preciso levar o professor a partir de onde está a criança. Fala da complexidade da aprendizagem da leitura, inclusive dos diferentes processos empregados neste ensino e das conclusões da I semana de estudos EATEP. Seu tema foi Leitura, grande responsável pelo fracasso na 1ª série. Considera indispensável levar o professor ao verdadeiro conceito de leitura, para que possa escolher o melhor método de ensino. Chama a atenção para o papel do supervisor na orientação do professor, no sentido de enriquecer-lhe o método usado, suprir-lhe as deficiências e habilitá-lo no emprego de métodos mais modernos. É necessário conscientizar para se chegar a uma fundamentação.

Continuando sua exposição, M. Yvonne apresenta medidas para o planejamento do currículo no implemento do plano EATEP. São elas:

Órgãos Estaduais que poderão tomar medidas

I fase: Conselho Estadual de Educação  
Secretaria da Educação e Cultura  
Departamento de Educação Primária

Poderão receber assistência da EATEP

II fase: Departamento de Educação Primária  
Delegacias de Ensino - Inspetoria de Ensino  
Supervisores de Ensino - Diretores de Escola

III fase: Atribuições dos Supervisores e professores regentes de classe.

IV fase: Professor e aluno

#### Ocorrências do dia 27/4/1968

Mr. Monroe Cohen despede-se dos participantes da semana e elogia o trabalho de todos, sobretudo de Maria Serafina. Considera importante agora a ação, um trabalho de todos juntos. Afirma que as várias equipes têm possibilidade de criar uma realidade brasileira nova. Achou que todos contribuíram com elementos importantes e levará para os Estados Unidos essa contribuição.

Em seguida é feita a avaliação do Seminário mediante depoimento das equipes dos vários Estados. Apresentaram pontos positivos e sugestões.

As técnicas Maria Yvonne e Diva Diniz despedem-se dos participantes da III semana e transmitem a todos uma mensagem no sentido de conseguirem melhores resultados no plano educacional.

D. Lyra afirma que esperamos levar a todos os resultados de nossos estudos e que a semente lançada floresça. Agradece a todos o trabalho realizado durante a semana e faz a entrega de certificados aos participantes do seminário.

Rio de Janeiro, novembro de 1968

*Eunice da Conceição Macedo Rosa*

Eunice da Conceição Macedo Rosa